



Noites no Sertão

J. S. ARAÚJO
M. G. FALCÃO
T. F. RODRIGUES
(ORG.)

Noites no Sertão

J. S. ARAÚJO
M. G. FALCÃO
T. F. RODRIGUES
(ORG.)

Noites no Sertão

1ª EDIÇÃO

JULIA HELENA DE OLIVEIRA
EVERALDO RODRIGUES
(AUTORES)



Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Si38n

Silva Junior, Everaldo Rodrigues da, 1990-.
Noites no sertão / Everaldo Rodrigues da Silva Junior e
Julia Helena de Oliveira ; organizadores: Jennifer Siqueira de
Araújo, Maryna Galliani Falcão e Thaís Freitas Rodrigues. –
Campinas, SP : Unicamp / Publicações IEL, 2020.
122 p.

ISBN 978-65-87175-07-2

1. Conto. 2. Regionalismo na literatura. I. Araújo,
Jennifer Siqueira de, 1996-. II. Falcão, Maryna Galliani,
2001-. III. Rodrigues, Thaís Freitas, 1991-. IV. Título.

CDD: B869.35

Copyright © Jennifer Siqueira de Araújo
Maryna Galliani Falcão
Thaís Freitas Rodrigues

Copyright © 2020 by Setor de Publicações do IEL/UNICAMP

Direitos em Língua Portuguesa reservados ao Setor de
Publicações do IEL.

Universidade Estadual de Campinas
R. Sérgio Buarque de Holanda, 571, 13083-859,
Cidade Universitária, Campinas, SP – Brasil.

Sumário

7 APRESENTAÇÃO

9 SERTÃO GRANDE MENINA

69 CHUMBO

121 SOBRE OS AUTORES

Apresentação

A TL224 Publicações, selo editorial do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, é responsável por dar voz a novos escritores todos os anos. Associada à disciplina de Tópicos em Editoração I, coordenada pela professora e diretora da Editora da Unicamp, Márcia Abreu, dá oportunidade de alunos conhecerem as diferentes nuances do processo editorial e trabalharem em conjunto para a produção de novos livros.

Neste ano de 2020, durante a seleção, além de outros textos, os contos "Chumbo", de Everaldo Rodrigues, e "Sertão grande menina", de Julia Helena de Oliveira, chamaram a atenção da equipe da TL224. Após serem escolhidos individualmente, percebeu-se que eles abordam uma temática em comum: o sertão. Dessa forma, foi tomada a decisão de publicá-los juntos, pois, além de suas semelhanças, mostram aspectos distintos do mesmo espaço.

Assim, em "Noites no sertão", organizado por Jennifer Araújo, Maryna Falcão e Thaís Rodrigues, o sertão deixa de lado seus estereótipos e apresenta ao leitor duas histórias instigantes, que contrapõem inocência e malícia, cada uma a sua maneira.

Sertão grande menina
Sertão, grande, menina
Sertão grande, menina
Sertão, grande menina
Ser tão grande menina



Julia Helena de Oliveira



Prólogo

Quando a menina nasceu, chorou por três dias inteiros. O pai dizia que era porque ela ainda não estava pronta para esse mundo. A mãe sofreu um dia inteiro para botar a menina no mundo, por isso gritava tanto a menina, não queria vir. Não queria.

Mundo feio em que viviam.

“Sua mãe fez tanta força que você nasceu roxinha.”

Ainda era menina. Não tinha nenhuma daquelas características que Maria Rosa tinha, que as mães todas diziam que a tornavam “mocinha”. Era menina. Nem criança, nem adolescente, nem mulher. A menina.

Morava numa cidade pequena, no meio do mundo seco, laranja e com cheiro de banana. Nunca saíra de lá, jamais teve vontade, era aventureira, de fato, mas não havia necessidade de explorar aquele mundão todo

quando tinha tanta coisa para descobrir no seu. Sua cidade tinha coisa demais para ver, a menina tinha um par de olhos excepcionais, enxergava tudo muito melhor do que as outras pessoas.

Por exemplo, estava certa de que o peixeiro era um Saci, pretinho do jeito que era, fumando o dia todo aquele fumo fedorento, além da perna, claro! Não tinha a esquerda, o nó que dera na calça balançava quando ele andava, sempre pendurado na muleta.

Onde já se viu? Saci de muleta!

Quando perguntou, intrometida do jeito que era, o peixeiro riu. “Perdi na guerra, uma bomba atômica caiu nela.” Ela não acreditou nenhum pouco. Maria Rosa, curiosa do jeito que também era, teve coragem de perguntar de novo, porque ninguém se zanga com ela. Rosinha era bonita demais. Ele respondeu: “Um peixe muito grande achou que ela serviria de cachimbo, tem dessas”.

Maria Rosa acreditava mais na história do peixe do que na história do Saci, tinha medo de Saci.

Ela e a menina compartilhavam aventuras no limite do que era possível. Maria Rosa tinha

mais sensatez, tinha medo de histórias de terror e de qualquer coisa “fora do normal”. O mundo em que a menina vivia era para pessoas sem medo, preparadas para encontrar sombras sem donos e risadas de crianças que nunca apareciam. Era preciso ter paciência para ter as coisas mudando de lugar a todo momento e ignorar a cantoria de noite, que vinha do matagal. Peixes gigantes são menos assustadores do que o povo da mata.

A menina, por sua vez, só se metia com povo da mata. Topava com todo tipo de gente, jurava já ter conversado com uma bruxa vestida de noite, ter visto duendes velhinhos, barrigudos e de rosto seco, cascudo.

Houve dias em que o pai achava graça. Ele já riu de suas histórias, mas, em certo ponto, quando percebeu que ela tinha continuado com isso mesmo depois de deixar a criancice, achou feio que menina daquele tamanho contasse tanta mentira.

A mãe acreditava. Ah, se não era ela mesma povo do mato.

Era uma criatura incrível, a mãe. O pai era bem comum, comum dos bons, daqueles que você não consegue evitar gostar. Era cinco

vezes menos duro que seu pai e 15 vezes menos duro que o pai de seu pai.

Os pais de um lugar como aquele tendiam a ser quietos, frustrados. Uma braveza involuntária com todos aqueles que eles mesmos tinham posto no mundo. Mas não o pai da menina. Ele era bobo, quase inocente. Era engraçado, estudado e falador. Falava em linha reta, não media uma palavra que passasse pela cabeça. Via o mundo como todas as outras pessoas que moravam dentro da cidade, via a terra imensa, sem fim, muito longe de qualquer lugar aonde poderia levar a família, tirar o pó do rosto da menina.

A mãe da menina era uma criaturinha engraçada, ninguém sabe dizer de onde saiu. Quando apareceu na cidade pela primeira vez, sem nenhuma intenção de dizer de onde vinha e o que viera fazer, encantou uma fila toda de rapazes. Sempre havia falado por enigmas e metáforas. Para a menina, a mãe era divertidíssima, um quebra-cabeça ambulante.

“Mãezinha, onde você nasceu?”

“De onde também nasceu o riso.”

Formavam um casal engraçado, diferente de outros pais e mães. Não havia gritos

naquela casa. Exceto os risos escandalosos da mãe, que não sabia rir sem alertar toda a vizinhança.

Nas noites de cardume, a mãe e a menina se sentavam na varanda encardida de areia, jogavam uma toalha de mesa e se deitavam para observar o evento. As duas tinham uma mania boba de olhar para o céu, esperando virem as lulas e as águas-vivas que dançavam no único oceano que elas conheciam. Assim que apareciam as luzes, elas se levantavam ansiosas do ninho feito de toalhas e iam para o quintal. Conforme giravam os peixes no céu noturno, giravam as duas lá no cascalho seco, rodopiando de mãos dadas. O pai só via o céu estrelado.

Às vezes, um peixinho perdido descia do céu. Vinha cutucar os dedinhos da menina.

Nesses dias, ela tinha certeza de sentir cheiro de terra molhada, um vento quente que limpava o nariz cheio de pó. O pai também sentia.

“Lá vem chuva!”

Estava certo. No dia seguinte, água caía do céu.

Os peixinhos sumiam, o aquário lá em cima ficava vazio.

A menina tinha dificuldade de se concentrar nas crianças mais velhas, eram muito desinteressantes, muito ansiosas para crescer. Para ela, as pequenas criancinhas eram as mais interessantes. Como ela, conseguiam ver os peixes no céu, os homenzinhos que viviam nas latas encostadas no beco, o gigante que se escondia atrás da montanha, os bichos feitos de sombra que viviam no pé de café.

Tinha mais medo do dia em que sangraria na terra do que de morrer, o dia em que se tornaria mulher. Os adultos são cegos.

O que acontece com a vida quando você para de ver?

“Mamãe nunca parou de ver. Mas ela é diferente, eu não nasci do riso que nem ela, nasci da barriga.”

Ficou de perguntar para o pai de onde vinha o riso, se poderiam se mudar para lá. Nunca se lembrou.



O menino

O problema era o estalo.

A porcaria daquele estalinho incessante.

Não eram as contas atrasadas, as ligações diárias de seus editores, nem o peso de uma vida mal vivida e desperdiçada em trabalho.

Era o estalo.

Sempre que se sentava para escrever, ela percebia o estalo.

Não sabia se ele estava lá antes que ela tomasse a iniciativa de escrever, se era algo que esperava que ela se sentasse na cadeira velha, que ligasse o computador velho, em cima de uma mesa velha, de frente para um espelho ainda mais velho, onde ela se via, velha.

Ela se sentia cansada e sonolenta, e esse nunca era um estado passageiro.

Se não fosse o estalo, ela estaria mais feliz. De onde vinha aquela porcaria? Já havia mandado

checar os eletrodomésticos, o piso e as janelas de vidro. O lugar de onde vinha o estalo não existia, e isso a preocupava muito mais do que o filho ligando duas vezes por dia, perguntando se eles ainda iriam para a casa de praia, levar a neta para ver o mar.

Claro que ela gostava do filho, seu único, o motivo de tanto sangue – do parto e da vida –, a razão de tanto trabalho e tanto sacrifício. Mas ela nunca havia gostado de sangrar.

A ligação entre eles era técnica, prática. Uma mãe deve amar seu filho, uma mãe deve cuidar, possibilitar que ele seja um bom e abastado adulto. Foi o que ela fez.

Sempre havia sido boa com crianças, falava a linguagem delas e sabia compreender seus pensamentos mais imprecisos. As crianças olhavam para ela como olham para uma criatura semelhante, não como uma idosa cheia de abraços e sermões. Porém, nunca tinha sido assim com o filho. Ele já nascera adulto, nunca precisou de muita ajuda e, sendo sincera, ele não tinha muita criatividade. Quando ela se esforçava para exercitar a imaginação do menino com brinquedos e livros, ele facilmente perdia o interesse, preferia montar quebra-cabeças e

desvendar enigmas. Eles eram criaturas de diferentes espécies.

Ela sentia que o carinho que tinha pelo filho era uma obrigação e sabia que ele sentia o mesmo. Quando se tratava de imaginação, o menino preferia imaginar um pai, um famoso detetive, a imaginar fadas e dragões com a mãe avoadas. No fundo, ela tinha inveja, ele era criança.

Nos dias em que ficava sozinha – e eram muitos –, ela se assustava ao tomar consciência da existência de um filho seu lá fora no mundo. Não era boba, sabia o quão velha era, mas era nesses momentos que sentia que ainda tinha corpo de criança, um corpo que negava toda a sexualidade, o sangue e os prazeres adultos. Uma repulsa pelo seu corpo flácido e pálido tomava conta de tudo o que ela era, e ela não era muita coisa.

Antigamente, ela encontrava uma felicidade simples em suas memórias. Sentimentos abstratos sempre foram parte dela, memórias imprecisas e nebulosas, coisas que alimentavam seu fluxo criativo (que, aliás, fazia muito sucesso, principalmente entre as crianças). Foram eles que proveram o sustento dela e do menino.

Foram 17 livros publicados, todos classificados como infanto-juvenis (ela não pensava muito em gêneros para escrever). Naquele dia em específico, mais um dia em que o estalo tirava sua paciência, ela tentava pôr no papel o seu 18°. Ela gostava do número 17, não era um número redondo, mas lhe parecia muito completo e elegante. Queria parar por ali, enquanto sentia orgulho do que produzia. Entretanto, as contas sempre vinham, e o dinheiro sempre acabava rápido.

“Mais um”, dizia seu editor, “e então você pode se aposentar”.

Até então, escrever nunca tinha sido um problema, mundos mágicos vinham até ela com facilidade. Era muito mais fácil criar mundos do que criar filhos.

Ela devia ter previsto, um dia ela realmente se tornaria velha, do corpo à mente, um dia escrever não seria mais possível. E foi justamente no 18°! A maioria!

Realmente queria escrever, torcia o nariz para as amigas idosas que haviam se aposentado dos livros e começado a corrigir redações, todo mundo para de escrever algum dia, a criatividade é um dom que parece sempre acabar antes da

vida. Bom, se o estalo continuasse, talvez ela devesse começar a procurar algumas redações.

O telefone tocou novamente. Ela fechou os olhos e se imaginou em qualquer outro lugar.



Maria

Quando tocava o sino da escolinha, saíam todas as crianças. Elas eram um rebanho de ovelhas encardidas e suadas, sujas da terra onde pularam, sujas das canetinhas que pintaram animais, céus estrelados e barcos flutuantes. As mãos vinham grudentas de suco de fruta, amora e um pouquinho só de ranho. A maioria já sabia ir para casa sozinha. Juntavam as trouxinhas, formavam grupinhos e seguiam tagarelando por um tempo infinito, cinco minutos, até suas casas, onde seus pais as esperavam com panelas cheias de feijão e arroz.

No começo, os pais da menina vinham buscá-la, ela morava longe das outras casas, muito perto do mato. Às vezes, vinha só o pai, com um sorriso cansado de tanta carpintaria, mas era um sorriso satisfeito. Com os dois de mãos dadas, ela carregando a trouxinha, ele quase sempre com o saco de restos das madeiras boas, mil pedacinhos e lascas coloridas.

Maria Rosa ia sempre sozinha, com a cabeça abaixada, com medo de ter que falar com alguém e explicar por que teria que andar todo o caminho de sua casa sem sua mamãe.

Foi muito antes de elas se chamarem de amigas. Elas nunca brincaram com as mesmas crianças, nem com os mesmos brinquedos. Mas, como dizia a mãe da menina, a filhinha tinha olhos extraordinários, que viam muito além do essencial.

Numa noite, a menina bateu o pé. Dizia que viria sozinha da escola. O pai ficou de jeito magoado, sem entender por que sua companhia havia sido rejeitada, mas a mãe riu, implicando com ele por sua bobice: “A menina tem motivo nobre, deixa ela, marido”. E foi do jeito que sua esposa queria, como geralmente era.

No dia seguinte, a menina saiu da escola e o pai não estava lá esperando. Maria Rosa ia sozinha, com a trouxinha de retalhos floridos. A menina foi se aproximando, igual quando se aproximava das meninhas borboletas que moravam nos sapatos da mãe: se for muito brutinha, elas saem correndo. Encostou na mão de Maria Rosa, que virou o corpo num pulinho, não se espera que alguém segure sua mão na rua, isso é muito estranho.

“Quer brincar?” A paciência que havia na voz da menina acalmaria até os homenzinhos de vidro, que, apesar de serem frágeis, eram por demais exasperados.

Maria Rosa achou o jeito que a menina prendia o cabelo muito divertido.

Elas passaram verões e invernos quentes dormindo em tapetes, construindo tendas e caçando girinos em lagoas. Embora Maria Rosa achasse um pouco estranhas as coisas que a menina dizia ver e conversar, ela não tinha medo, queria ter sua imaginação, queria ter a facilidade que a menina tinha para criar brincadeiras e piadas.

Elas eram feito um espelho, o que você via em Maria Rosa, você via igual na menina. A gente se esquece de que o espelho não mostra exatamente igual, mostra ao contrário, refletido.

Refletido não é igual.

Maria Rosa gostava do som que as teclas do piano faziam, a menina preferia o desarranjo e a bagunça de harmonias que o pai fazia com os violões que ele mesmo construía. Maria Rosa deveria ter nascido em palácios, castelinhos perolados perto do mar. A menina deveria ter nascido no mato, perto das cidades, nas árvores,

onde ela poderia andar sempre descalça, sem medo dos vermes que pulam da terra e mordem seu pé, e onde nunca faltaria chuva.

Maria Rosa era prateada, do cabelo aos dedinhos do pé. Ela realmente parecia brilhar, sua luz era toda exterior. A menina sabia que sua própria luz era toda interna e que, por fora, era bem pretinha.

Sua melhor amiga começou a querer parar de brincar cedo, gostava de prestar atenção na conversa dos adultos e gostava de se imaginar entre eles. Nesses momentos, a menina a olhava cheia de rancor, por que querer tanto apressar as coisas?

A raiva sempre passava rápido, Maria Rosa era bonitinha demais para que ficassem com raiva dela. De vez em quando, a menina olhava para ela e sentia vontade de segurar sua mão e não soltar nunca mais. Tinha muito medo do olhar dos meninos conforme cresciam as massas no corpo de Maria Rosa. Os olhinhos frios de criança, às vezes, perdiam-se no corpo de mulher. Assim como já tinha se esquecido de um dia ter visto as coisas com que a menina conversava, ela também se esqueceu de que era tímida e medrosa.

Embora não visse as mesmas coisas incríveis que ela, para a menina, Maria Rosa era o que ela mais precisava, seus jeitinhos simplesmente davam mais certo. Quem sabe, se tivessem ficado juntas por toda a vida, enquanto viravam realmente mulheres, elas poderiam ter vivido juntas para sempre.



Ser tão gigante

Depois da esposa, aquele ser celestial que desceu das estrelas para ficar com ele, e da filhinha, aquela bichinha curiosa, a felicidade do pai da menina era construir brinquedos de madeira. Aprendeu com o avô materno, um preto de barba branca que tinha muito mau humor acumulado, e tanto mau humor costuma prender para dentro do corpo toda a criatividade. Era bom que ele tivesse um neto sensível e tonto, ele ficava com tanta dó das bobadeiras que o menino pensava sobre a lua, o céu e as mulheres feitas de pó, que julgou, muito certo, que ele precisava de uma profissão que usasse essa imaginação. Começaram com cadeiras, mesinhas de centro, coisas que o menino perdia o interesse assim que acabava de martelar os pregos para juntar suas partes.

“Floreia aí então, moleque esquisito”, o avô falava, com um pouco de braveza na voz, porque aprendeu desde cedo que era assim que se

falava com as crianças, mas realmente estava curioso com o que o menino poderia fazer.

O menino literalmente floreava, sacava logo a faquinha de acabamentos e desenhava coisas incríveis em um banquinho tão sem graça que dava até uma vontade de chorar. O velho pensou, em um momento em que ele mesmo nem se reconheceu, que aquele banco chatíssimo eram todas as pessoas que ele conhecera e a vida de todas elas: secas, enrugadas e duras; e que os desenhos que o neto botava nele era a vida que o menino teria, cheia de coisas incríveis. Dava de pensar nessas coisas, às vezes, sentia um pouco de raiva depois. Orgulhava-se da praticidade dos homens, o que diriam dele se ele começasse a dizer essas besteiras em voz alta? Que ele tem cabeça de mulher, com certeza.

Depois de um tempo, o menino se cansou de enfeitar mesas e cadeiras, o que o avô achou triste, de certa forma, porque estavam ganhando um bom dinheiro vendendo os móveis para as mulheres mais endinheiradas da vila. Um dia, o avô entrou na oficina logo de manhãzinha, e estava lá o menino, de frente para uma estátua de mulher.

Ao olhar pela primeira vez para a estátua, o corpo do velho tremeu, meio incomodado por nunca ter visto coisa mais bonita, em choque por isso ter saído das mãos de seu neto. A segunda impressão dele foi a raiva. Gastando madeira boa para não fazer coisa alguma. Coisa bonita assim pode até agradar gente da cidade grande, mas aqui não havia nenhuma dessa, e isso não vende. Fez o menino raspar os seios e desenhar algo que se parecesse com uma roupa, disse para deixar o rosto feminino mais infantil e pintar as partes, como se fossem vestidos de criança.

“Isso aí dá pra vender pra qualquer menina da região. Boneca vende. Mulher nessa indecência não.”

O menino vendeu seu primeiro brinquedo, meio a contra gosto. Não era sua primeira estátua, ele geralmente conseguia levá-las para casa antes que seu avô chegasse pela manhã, mas foi a primeira que ele realmente amou.

Antes, com as outras peças, o sentimento era de orgulho, construir do zero homens, mulheres e crianças. Mas aquelazinha lhe aqueceu por inteiro o coração, achava-se apaixonado. Está certo que não era só pela beleza do que havia construído, mas pelo que havia visto na noite anterior.

Ainda não era homem, era mais moleque criança, e foi a primeira vez que a viu. Tinha sinceras dúvidas se podia ter sonhado, pois aquele tipo de criatura não anda por aquele tipo de terra.

Não tinha nenhuma beleza absurda, aquele tipo que os meninos mais velhos descreviam ao se referir às mocinhas que já haviam levado para o matagal alto. Era bem singelo, bem calmo e bem alegre seu tipo de beleza.

De sua janela, o menino a enxergava, andando muito lá na frente, molhando os pés na lagoa funda que tinha atrás de sua casa. Era mulher, com certeza, mas também poderia ser criança feito ele. Era prateada, brilhava mais que as estrelas, e a única coisa que ela fazia era andar, olhar o matagal e os vagalumes, como se estivesse de frente para a coisa mais bonita do mundo, mais bonita que ela.

Ele pegou no sono por três segundos, olhando assustado para a coisa mais fascinante que havia visto em sua curta vida. Acordou no susto, uma cigarra se colocara a cantar ao lado de sua janela, gritando em fúria após ter passado 17 anos no chão. Geralmente, cigarras e insetos o fascinavam, mas agora só lhe causavam profunda raiva. Ela havia sumido.

O menino pulou da cama, fechou a janela para não ouvir mais a cigarra e correu para fora. Não havia moça nenhuma, em lugar nenhum. Voltou para o quarto para se deitar, profundamente perturbado. Nada no mundo poderia fazê-lo dormir agora. Era cedo, chegava ainda a meia-noite. Novamente, ele se levantou, caminhou de sua casa até a dos avós, onde ficava a oficina de carpintaria do avô.

Ainda não sabia o que iria fazer, só queria descontar a frustração nos tocos de madeira. A figura surgiu naturalmente, como se a madeira fosse viva e quisesse assumir sua forma.

Destruí-la em boneca foi uma frustração ainda maior, mas, de certa forma, entendeu o avô, ele não era artista, era carpinteiro. Houve até um certo prazer em vender a bonequinha para a filha do vizinho mais abastado, uma alegria quase doce ao ver o quanto ela havia adorado uma boneca que nem de pano era. Ele poderia se apaixonar por isso.

Ele cresceu rápido, sem muita resistência. No fundo, nunca se sentiu muito criança. Casou-se com o amor de sua vida, o que não era pouco. Tinha um emprego do qual gostava e uma filha que amava todos os seres do mundo,

até aqueles que não existiam. Sentia-se mais sortudo do que metade daquela cidade, aquele monstro abafado.

Nunca teve coragem de compartilhar o pensamento, tinha medo de parecer burro, mas sempre havia pensado naquela cidade como um gigante há tanto tempo adormecido que o vento veio, carregando a terra, e cobriu todo o seu corpo. Ele parecia se lembrar de uma época em que sentia a terra respirando, levantando um punhado de poeira quando suspirava. Não sabia se era memória ou sonho, a dúvida o envergonhava um pouco. E o bafo quente que lhe batia no rosto era a respiração do gigante, e as coisas estranhas que as crianças diziam enxergar deveriam ser os sonhos do monstro pulando para fora.

Sonhava em tirar a esposa e a filha daquele lugar, mas sentia que, se tirasse a mulher do corpo do gigante, ela sumiria. A filha nunca aceitaria abandonar o mato, suas fantasias mais absurdas moravam na floresta. Mas o pó era tanto, a miséria era tão intensa.

Ele sentia ser o único feliz naquela terra toda, o único que sempre tinha felicidade para se alimentar. As outras pessoas percebiam também e pareciam odiá-lo por isso. Talvez fosse melhor ir embora.

O trabalho que vendia ainda eram as cadeiras e mesas decoradas, mas sua paixão eram os brinquedos, que quase não saíam. As pessoas até precisam de mesa para comer, mas não precisam de brinquedos para seus desabastados filhos.

Sua menina teve sempre os melhores presentes, e sua casa, as melhores decorações. O maior destaque de sua produção era o cavalo multicolorido que construiu do zero para a filhotinha. Era azul, amarelo, laranja e verde, sua crina parecia voar ao vento. Era o brinquedo preferido dos dois.

Ela costumava levá-lo consigo o tempo todo, fazendo o cavalinho galopar em rios, estradas e mesas de jantar. Ele também teve que fazer uma versão em vermelho, cor-de-rosa e amarelo para Maria Rosa, pois não aguentava os olhos pidonchos e impressionados da menina quando olhava o cavalo da filha flutuar pelo ar.

Sua felicidade era boba, vinha de cavalinhos de madeiras e lascas coloridas. Às vezes, não se sentia bem por desejar mais, mas o homem, que nem Maria Rosa, é pidoncho.

Um dia, sem nenhum aviso, seu mundo, que não era perfeito, ruiu. E ele se sentiu tão mal por ter desejado mais, tão mal por agora

tudo estar descolorido, embolorado, uma coisa que ele não poderia melhorar com floreios. Podia ter ficado sossegado.

O gigante acordou, e a mulher sumiu. Os sonhos voltaram para dentro da cabeça do monstro.

Era hora de tirar a menina daquele mundo podre e cruel. O Sertão é um gigante, e ele nunca teve piedade.



Song to Rosa

Ela estava muito cansada dos homens da sua vida.

Primeiro, o pai. Toda aquela depressão e descaso lhe causavam tanta pena quanto asco. Não o culpava pelo desaparecimento da mãe, já fazia anos demais. Demorou bastante tempo, mas ela entendia agora que a mãe era meio desmiolada.

Depois, eram todos aqueles homens, limpos, sujos, engomados, desajustados, sonhadores, empreendedores. Não foram poucos, ela sabia agradar, só não sabia ficar por muito tempo.

Ela tinha palavras mais bem ditas do que a maioria das outras garotas, sua carne era doce e chamativa. Aquele foi o único período em que a garota gostou de se sentir mulher, e não menina. Mulher uma vez na vida, porque ser criança magoava muito.

Já havia se passado 15 anos na cidade grande, começava a conhecê-la melhor que seu próprio corpo, entendia onde cada caminho poderia dar, gostava do fluxo, das milhares de pessoas que compunham a corrente sanguínea da cidade.

Ela tinha uma preferência pelas noites, quando podia sair de casa. Seu pai sequer parecia perceber, continuava sentado em sua poltrona, com o olhar sempre perdido. Às vezes, ela o imaginava como um animal empalhado, conservava ainda toda sua mocidade, um homem bonito e aprumado, mas, por dentro, era barro e palha. À noite, saindo ou não, ela sentia um pouco mais de presença materna, um sentimento de reconforto que parecia perdido quando o sol nascia.

Isso era uma das coisas que os homens gostavam nela, era meio doidinha, falava cada coisa absurda, devia ser uma dessas artistas.

Ela nunca deixava esses homens se aproximarem demais, mas havia algo no sexo que a fazia se sentir livre. Quando ela vestia sua pele de mulher, as dores da infância eram apenas memórias taxidermizadas, como seu pai. Ela se sentia um pouco perturbada, mas

nunca teve coragem de colocar a culpa na família, afinal, os pais, por mais abobalhados que fossem, proporcionaram lindas e intocáveis memórias de sua infância, até tudo virar uma grande merda.

Naquela noite em específico, fazia calor tal qual o de sua infância, ela estava usando suas roupas boas e novas, pois o plano era sair com os "olhos azuis". O nome dele não importava, não é como se ele o possuísse de fato. Para ser dono do seu nome, você deve, no mínimo, ter personalidade o suficiente para sustentá-lo, e ele não tinha. Era bonito, forte e daquele tipo limpinho, mas não tinha um pingão de personalidade de verdade, parecia se adequar para caber nas mulheres que namorava. A garota era bem o contrário, todos sabiam bem o seu nome.

Havia duas horas que ela lhe telefonara cancelando o compromisso. A ideia dos seus olhinhos azuis sonsos a enjoou profundamente. Decidiu sair sozinha, na rua, sem nenhuma perspectiva de diversão ou agrado. O corpo doía, de seus olhos escorria maquiagem brilhante.

Andou esperando uma epifania, nem fazia questão de ser uma das grandes, só uma

coisa que lhe trouxesse algum conforto, que lhe desse motivos, que botasse sentido na sua vida. Mas não havia tantas epifanias disponíveis assim, aquela noite deveria ser só isso, mais uma noite perdida de que ela não se lembraria.

Parou em frente ao cinema municipal e acendeu um cigarro. Ela não achava que isso se tornaria um hábito, tinha um pouco de nojo dessas coisas que os adultos fazem para se sentirem felizes: sexo, álcool, cigarros. Porém, ela estava nos dias de mulherzinha, podia bem fazer a porcaria que quisesse.

Não observava de fato as pessoas, tinha certeza de que, apoiada na parede cheia de luzinhas neons do cinema, ela se parecia com uma estrela, deveria estar, de fato, linda. Pensar na própria beleza também a enjoava, tudo lhe dava certa ânsia nos últimos dias.

Na pose de estrela de cinema, superior, não percebeu a mulher que a encarava, os olhos verdes cheios de animação e graça. Os olhos da garota estavam tão vazios que ela parecia encarar a outra, que também a encarava, mas com bastante consciência. Tomou conhecimento do olhar da mulher apenas quando ela riu, achando graça que a

outra não a reconhecia. Não era assim tão mulher, era garota, que nem ela.

Num primeiro momento, a sensação foi de estranhamento, de estar no lugar errado. Por menos de um segundo, seu cérebro processou a mulher que a encarava e a colocou no sertão, no lugar de que havia saído há muitos anos.

A garota riu antes de chamar Maria Rosa, que veio correndo, saltitando em suas botas brancas e pesadas, abraçando-a pelo pescoço. O riso foi longo, da parte das duas. A garota era mais alta que Maria Rosa, mesmo usando botas, isso ela nunca esperaria.

Não discretamente, a garota se afastou um passo da velha conhecida, querendo olhar para Maria Rosa. Vê-la em roupas de cidade foi um choque para o seu cérebro, que mantinha uma imagem da menina vestida em chita florida.

“O que faz aqui?”, quem perguntou primeiro foi a garota. “Há quanto tempo está na cidade?”

“Vim para me casar.” Maria Rosa disse isso gargalhando, como se contasse algo muito engraçado, com ironia. A garota analisou suas roupas novamente.

Maria Rosa usava um vestido branco, curto e justo. Combinava com as botas de cano alto e com a maquiagem cheia de brilhos. O cabelo loiro estava ondulado e duro, como se tivesse passado produtos para manter um penteado (que ela deveria ter desmontado, considerando os prendedores de cabelo pequenos brilhantes presos no vestido). A garota só demorou cinco segundos para perceber que era um vestido de noiva.

“Então... Você vai se casar agora?”

Maria Rosa riu, os lábios vermelhos um pouco borrados, os olhos encolhiam junto com o sorriso, como sempre acontecia quando era criança. Sua maquiagem era moderna, atual, combinava com a cidade, nada havia do sertão. A garota gostou disso.

“Não vou mais.” Ela riu de novo, não parava de rir. Porém, a maquiagem borrada revelou que ela havia chorado há pouco. “Eu precisava vir assistir esse filme. Sabia que vai sair de cartaz hoje?”

A garota olhou para trás de si, para o cartaz que Maria Rosa apontava.

“Sequer sabia que já tinha estreado.”

“Pois você precisa assistir comigo!” O pedido foi uma ordem animada. Nele, havia uma súplica muito bem disfarçada.

Quando seu pai levou a garota embora do sertão e a trouxe para a cidade, as duas mantiveram contato por alguns anos. Uma vez por ano, recebia uma carta de Maria Rosa. Ela nunca falava de sua vida, eram cartas absurdas, em que cada uma escrevia um pensamento que tivesse no momento, era quase uma brincadeira entre, agora, desconhecidas. A última que Maria Rosa lhe enviara havia sido no ano anterior, falando sobre como achara imbecil a letra de uma música internacional. A garota não fazia ideia de quando enviou sua última carta. Não sabia que Maria Rosa havia saído do sertão.

“Vamos, agora mesmo.” Em sua cabeça, não houve nenhuma vontade de recusar o pedido dela, mas um calafrio estranho percorreu seu corpo, intensificando-se quando a outra riu e a puxou pelo braço. Ela ria muito.

No final, mal assistiram ao filme de verdade. Ficaram rindo e fazendo piadas maldosas com os personagens, achando tudo muito bobo.

No fundinho, a garota tinha ficado com medo de tudo ser muito desconfortável. Ela conheceu uma criança, loira e adorada, tinha em sua frente agora uma mulher absurdamente extrovertida, e isso era só o começo. Toda a história de casamento não parecia algo simples.

Do cinema, a garota levou Rosa para ver seu restaurante preferido perto do mar. Restaurante era muito, era um bar onde os jovens mais interessantes se juntavam para criticar o governo, o prefeito e o mais novo filme que havia estreado.

Não foram poucas horas de conversa, quando o dono do bar começou a expulsar os remanescentes. A garota e Rosa foram para a praia. Elas se sentaram contra o mar, um pequeno ato de rebeldia boba, ninguém ia à praia para observar a cidade. Antes que pudesse ver o amanhecer, ela sentiu o sol começando a esquentar suas costas. Havia mais pessoas andando na calçada da praia, predominantemente trabalhadores.

Rosa sentava-se direto na areia, o vestido branco e curto subindo-lhe as pernas brancas, a garota desviava, sem graça, os olhos da calcinha rendada que a outra não tinha vergonha para esconder.

Em nenhum momento, a garota perguntou sobre o tal casamento. Embora elas parecessem próximas, como se continuassem as mesmas meninas que andavam de mãos dadas para casa, ela sabia que uma noite daquelas não fazia diferença. Rosa estava desestruturada, ela também estava, para dizer a verdade. Rosa precisava que alguém cuidasse dela naquele dia, e a garota não ficava nenhum pouco impressionada que o universo quisesse que fosse ela. Claro que seria ela.

Parecia uma ilusão, um eco de uma vida antiga que se encaixa tão bem em sua nova. A garota se sentiu real, pela primeira vez em muito tempo.

Tomaram café em uma padaria do outro lado da rua. A garota fez graça, pediu uma dose de pinga. Maria Rosa olhou em seus olhos, rindo, e a garota viu carinho.

“Duas, por favor.” O dono da padaria balançou a cabeça, desaprovando duas gurias novas sujas de areia pedindo pinga às 6:30 da manhã.

As muitas horas sem comer fizeram a bebida esquentar todo seu estômago, e a sensação foi boa, mas a deixou enjoada. Pediu mais uma.

Saíram de mãos dadas, carregando os sapatos nas mãos, os pés ainda encardidos da areia. A mão fininha de Maria Rosa tinha cada unha pintada de cores diferentes.

Pela primeira vez em muitos anos, a garota se sentiu confortável por estar suja de terra e descabelada, tal qual a menininha que ela largou no sertão.

“Ôoo mulatinha linda, vem aqui com o tio”, um velho cheirando a cerveja chamou a garota, tentando encostar em seu cabelo, sua mão era suja, fedida.

Rosa puxou a garota pela cintura, afastando-a. Virou-se para o homem, batendo a bota pesada onde conseguiu alcançar. Não disse nada, mas ficou vermelha de raiva.

“Ai, ai, princesa, não é pra tanto”, ele saiu para o meio da rua, xingando alto.

A garota suspirou pesadamente. O aperto de mão delas ficou mais forte.

Depois disso, foram ao jardim municipal, a essa hora, cheio de crianças brincando no calor da manhã de domingo. Sentaram-se uma de frente para a outra na grama recém-cortada, as pernas das duas entrelaçadas.

A garota contou para Rosa como estava odiando seu trabalho, como tinha vontade de trabalhar com algo mais criativo.

“Eu sempre achei que você poderia ser escritora.”

A garota franziu o cenho e achou graça.

“Mesmo?”

“Sim. Você inventava histórias maravilhosas quando éramos pequenas. Outras crianças iriam adorar, com certeza.”

No fundo, a ideia pareceu maravilhosa, mas não disse isso, pois ela detestava criar expectativas.

A garota começou a sentir medo da hora em que a conversa acabasse. Os olhos de Maria Rosa foram ficando menores, os bocejos iam e vinham.

“Quer ir dormir lá em casa? Podemos pegar o bonde.”

Rosa sorriu, o resto do glitter de sua maquiagem de noiva espalhado por todo o seu rosto. Ela parecia uma estrela.

Elas se levantaram, batendo as folhas que grudaram na roupa. Foram as duas andando bem devagarinho, Rosa com o corpo inteiro

apoiado no da garota, sua voz vinha num sopro gostoso. Sentaram-se coladas no bonde, a garota fazendo grande esforço para não dormir.

Ela e o pai moravam em uma casa no bairro residencial, mudaram-se para lá quando a mãe desapareceu. O jardim da casa era repleto dos trabalhos antigos do pai, criaturas mágicas que a garota dizia enxergar quando era criança. Apenas a menor parte da sua criação estava ali, foi tudo o que a menina conseguira tirar das pesadas caixas que o pai colocou no sótão, coisas que lhe causaram tanta alegria agora lhe causavam um tremendo desgosto, esperava não as ver nunca mais. Os brinquedos da menina permaneceram encaixotados, esquecidos pelos anos. Nem ela, nem o pai tinham coragem de subir e revirar as caixas, caso um dia subissem, talvez fizessem uma doação. Memórias tristes são uma arma perigosa.

As duas fizeram um pouco de barulho para entrar, mas o pai ainda dormia. A garota levou Rosa para seu quarto, no fundo da casa, isolado dos outros cômodos. Perguntou para a outra se queria tomar banho antes de se deitar.

Rosa olhou para si mesma, os pés pretos de ter andado descalça no asfalto. Balançou a cabeça, foi para o banheiro ao lado do quarto. A garota, por sua vez, subiu para o banheiro do segundo andar, onde ficava o quarto do pai, estava cansada, mas a verdade é que não queria perder tempo longe de Maria Rosa. Tomou o banho tão rápido que, quando voltou para seu próprio quarto, a outra ainda não havia voltado.

Deitou-se em sua cama, sentindo o corpo ainda molhado tremer. A porta abriu devagarinho e Rosa entrou, enrolada em uma toalha emprestada. O cabelo encharcado pingava no tapete do quarto.

“Você pode me emprestar uma roupa?”

A garota se levantou e procurou as roupas, as bochechas muito vermelhas. Não olhou para Maria Rosa, ainda de toalha. Virou-se de costas e esperou a outra trocar-se. A toalha voou para o seu lado. Nervosa, deu uma leve engasgada quando percebeu que poderia enxergar o reflexo de Rosa se trocando pela janela.

“Pronto.”

A garota deitou-se de costas na cama e abriu espaço para a outra também deitar, ficou

com vergonha de encará-la, olhou para o outro lado do quarto, tentando se concentrar em alguma coisa. Rosa a abraçou por trás por um momento, ela cheirava ao shampoo que a garota usava todos os dias. Havia algo de mágico em uma pessoa cheirando a você.

“Obrigada. De verdade.”

A garota tomou um pouquinho de coragem, virou-se para Rosa. Os olhos dela estavam acordados agora, imensos e claros, seus narizes quase encostaram, o cabelo dela molhava todo seu travesseiro.

“Pelo quê?”

Maria Rosa sorriu, não respondeu, beijou a ponta do nariz da garota e, tão de leve, os lábios que ela poderia jurar que havia sonhado. Talvez tivesse.

O tempo que passaram juntas podem ter sido os dias mais felizes que a garota teve, desde sua infância. Pela primeira vez, queria criar expectativas.



Eterno retorno

No fundo, ela ainda sentia raiva do pai.

Uma raiva perdoada, sim, mas remorso de filha sempre acaba aparecendo de novo. Quando ela ficava irritada, sempre buscava suas raízes para culpar.

Às vezes, quando não podia evitar, também sentia raiva do filho. Ele veio quando ela pretendia amar outra pessoa, e, a partir daquele momento, sua vida teria que ser o menino chorão. Os olhos azuis dele, às vezes, eram insuportáveis.

Ela tinha que estar com muita raiva para sentir-se assim sobre o filho. Era uma raiva um pouco mais frequente do que gostaria. E se sentia realmente mal por isso.

Havia dias em que a saudade do filho era insuportável. Podiam não ser tão frequentes, mas machucavam muito mais.

Eles nunca haviam combinado muito, sempre houve mais silêncios do que brigas. Durante algum tempo, quando o menino saiu de casa, ela se preocupou. Imaginava se ele estaria comendo, porque era muito atento em seus estudos para perceber que a barriga roncava.

Ela não tinha sido uma mãe das boas e sabia disso. Mesmo que não perdesse noites pensando nisso, é inerente à maternidade se sentir um pouco culpada por isso. Se mesmo com pais maravilhosos, ela ficara assim, o que ele poderia se tornar? Quando pensava um pouco sobre o assunto, imaginava que o filho nunca seria pai, pois, por esse lado, ele se parecia muito com ela. Nunca planejaram criar alguém. Mas ele não era como ela, uma velha que nunca aceitou um dia já ter deixado de ser criança.

Estava bem enganada e, conscientemente, ficava satisfeita. Ela estava lá para ver o filho virando pai.

A menininha nasceu no dia de São João, isso só poderia querer dizer boa sorte. Toda vermelha e inchada, veio ao mundo gritando que nem a cigarra, que fica 17 anos dormindo

na terra. Demorou para vir, a mulher do filho fez o maior esforço, ela não queria vir, não queria.

Ela ainda se lembrava bem do dia em que a menininha veio, pois por um pouquinho teria perdido. Ela e o menino tinham picos de afeição em que tentavam consertar a relação de descaso que existia entre os dois. Nunca era muito definitivo.

Sentada na recepção do hospital, a velha se enrolava em seus xales bordados, ela se lembrava bem dos seus sapatos, pois passou muitas horas olhando para eles naquele dia. Eram vermelhos, pontudos e cheio de flores de couro sintético. Ela estava parecendo bem uma bruxa.

O menino dava voltas na sala, os sapatos não eram feitos para isso, faziam um barulho muito irritante no piso do hospital. Ela, provavelmente, deveria parar de chamá-lo de menino depois desse dia. Era injusto tê-lo por menino por tanto tempo, ele nunca tinha sido, de fato, criança.

O dia do nascimento de uma criança é o dia preferido dos espíritos familiares. Alguma coisa os deixa mais presentes, eles passam em êxtase para o outro lado, você pode senti-los

nas memórias que vão perturbar durante o dia todo, mas, principalmente, no choro da criança, o grito de centenas de seus ancestrais.

Por mais que tentasse, não conseguia sentir sua mãe. Talvez porque ela fosse de um lugar distante demais para conseguir visitá-la. Mas sentia o pai, a presença de um preto velho, todo babão e impressionado. Ela brevemente conseguia enxergá-lo no filho, conseguia visualizá-lo andando atrás do neto, copiando seus passos de preocupação, perguntou-se se era assim que o pai teria ficado com sua demora no dia em que nasceu.

Sentiu o nariz arder, as lágrimas quiseram escapar. Sentia falta dele. Morreu sozinho, porque assim quis. Os bobos dificilmente sobrevivem sem a lua.

Matinta Pereira conta uma história. Uma vez, eu ouvi os arcanos falarem, e eles me contaram uma história. Eles vivem de falar, não ficam quietos nunca.

Sentavam-se em torno de uma fogueira, eram 22, mas nunca eram 22. Eram reis, rainhas, padres e nobres, eram homens doentes, condenados e iluminados.

Existem coisas que não são ditas entre os arcanos maiores.

Ninguém pergunta se a bruxa velha já foi novinha, só imaginam a velha, como se nunca tivesse existido criança. Como se a bruxa velha não pudesse ter sido uma princesa quando jovem.

- E era, você era uma princesa?

- Não, eu era feia. Feia e pobre. Miserável criatura do sertão. Seca que nem a terra...

“Vó!”

Ela pulou na cadeira. A menininha vinha correndo, procurando pela avó, seus sapatinhos piscavam quando pisava no chão.

Tentou não se chatear pela concentração perdida. Seu editor havia ligado duas vezes só naquele dia, cobrando seus prazos. Mas não tinha nadinha para apresentar para aquele homenzinho raivoso. Homenzinho de vidro ranzinza, pegou-se falando em voz alta e não sabia bem de onde veio o pensamento. Geralmente, eram desses pensamentos e coisas

ditas em voz alta que suas histórias acabavam aparecendo. Perguntou-se se poderia escrever sobre um homenzinho de vidro...

“Vóooo!”, a menina chamou de novo, impaciente, procurando por ela. Já ia abrir a boca banguela para gritar de novo, quando encontrou a avó no escritório: “Nós compramos um duende! De verdade!”.

A menina entrou primeiro, suada e ofegante, com um sorriso enorme no rosto. Só crianças sorriem assim depois de correr desse jeito.

O pai veio logo atrás, largando as sacolas de compras no sofá amarelo no canto do escritório. A casa era cheia de móveis antigos com flores entalhadas a mão. Eles tinham suas próprias memórias, um joelho batido na quina da mesinha de centro, um rastro de manchas das frutinhas que a mãezinha fazia geleia, um tapete onde dormiam duas crianças, de mãos dadas.

Era a casa de sua adolescência, mas o que tinha vida eram os remanescentes de sua infância, a adolescência permanecia em silêncio, inanimada. A não ser pela caminha de casal no quarto dos fundos, onde já dormiram por muitas noites duas mulheres que se amaram.

“Nós fomos até praia. Ela gastou todo o dinheiro que você deu a ela no duende”, a voz do pai acusava um pouco de irresponsabilidade na menina, mas havia infinito carinho no modo como ele apanhou a cabeça da menina e bagunçou seus cabelos. A menina gritou, tirando a atenção dos elefantinhos entalhados em uma das cadeiras, procurando nas sacolas repousadas no sofá.

“Aqui! Aqui!”, ela agarrou a garrafinha com as mãos gorduchas, mostrando que dentro dela havia o bonequinho de um duende simpático, com barbinha branca, olhos verdes e vestes lilás.

“Que coisa mais triste!”, a velhinha brincou.

“O quê?”, a menina perdeu o sorriso por um segundo, insegura por ter chateado a avó.

“Acho que ele não gosta de ficar preso, duendes são muito rancorosos, cuidado para ele não escapar, ele pode querer se vingar”, dizia brincando, mas ela quase acreditava.

A menina olhou assustada para a garrafinha em suas mãos.

“Será que eu solto ele?”

“Não precisa, não, vai acabar furando o olho com um caco de vidro”, foi o pai quem disse.

“Ele é que nem Saci, não gosta de ser preso, não, mas quando prende, é melhor nem soltar.”

“Mas eu não quero que ele fique triste!”, ela fez bico, olhando para o duende nos olhos: “Me desculpa! Eu não sabia”.

“Faz amizade com ele então, ele vai ficar bonzinho e você vai poder soltar ele para brincar.”

O sorriso da menina voltou, ela abraçou a garrafinha do duende.

“Prometo que vou dividir meu lanche com você!”, ela saiu correndo do cômodo, na pressa que só criança naquela idade tem.

“Ela vai passar as férias inteiras conversando com o duende agora, você sabe”, o filho disse, cruzando os braços e se encostando na pequena estante de livros, perto da janela. Ele não olhava para a mãe, parecia ter sua atenção fixa nas peças de madeira podres escondidas na varanda do jardim.

Ela duvidava muito que ele estivesse preocupado com as girafas entalhadas pelo seu velho pai. Ele tinha muito daquele olhar ultimamente.

Para não parecer um olhar perdido, ele enganava bem fingindo focar em alguma coisa

real. Porém ela era mãe e, por mais reclusa que tivesse permanecido na vida dele, foi ela que o ensinou a fazer isso.

Ela suspirou pesado.

“Você está bem?”

Ele demorou para responder. Um tempo longo de quem pensa na resposta verdadeira e, então, tenta criar uma outra resposta para escondê-la.

“Acho que sim.”

A velha não sabia dizer se era verdade, mas não queria incomodá-lo ainda mais.

Aconteceu com seu filho o que parecia acontecer com todas as crianças daquela família de alguma forma que sempre variava, a mãe se foi. Com a mãe da velha, ela não sabia dizer se tinha sido proposital. Com ela mesma, ela sabia que não tinha sido com intenção, embora estando lá, nunca esteve presente. Com a mãe da neta, ela sabia que era de propósito. E isso lhe doía profundamente o coração.

“Ela mandou notícia para a menina?”, sentiu-se um pouco sem graça pela pergunta, ela sabia que não, mas achava que precisava

perguntar alguma coisa, só para que ele sentisse que a mãe entendia sua situação e se importava. Ela tinha que se dispor desses pequenos atos, pois nunca tinha habituado o filho a confiar nela.

“Nem um piu.”

Um pequeno silêncio, e então:

“Algumas pessoas só não querem ser mães.”

Silêncio.

“Pspspspsssss”, fez a menina, correndo de volta para o primeiro andar, perseguindo o gato, o duende ainda na mão, “Vem, Tisco!”.

Era Tisco de “Petisco”, o gatinho caolho que ela resgatara da praia em seu primeiro dia na casa do biso. Era absurdamente boa com animais, os cachorros da rua se punham em procissão toda vez que ela saía de casa e, às vezes, ia também o judiadinho Tisco, seu maior admirador. Agora ele tinha menos cascas no corpo e seu pelo crescia uniformemente.

O gato dormia com a velha de vez em quando.

“Papai, cadê o Tisquinho?!”, ela desistira do gato de verdade, que preferia brincar de fugir a atender a seus pedidos.

“Na bolsa de praia, chuchu.”

Tisquinho era a miniatura do Tisco, ambos pretinhos. O pai da menina havia retirado um dos olhos do ursinho de pelúcia para que o Tisco de verdade não se sentisse diferente.

A menina jogou a sacola de praia no chão, sentou-se de joelhos e procurou seu brinquedo mais amado.

“Vem, Tisco! Pega o Tisquinho, pega!”, o gato não dava nem bola para a menina, sacudindo o rabo do ursinho de pelúcia.

Depois que a mãe decidira “dar um tempo” e ir embora, a menina teve muitos problemas para dormir, só se sentindo confortável novamente na presença de seu pequeno protetor, Tisquinho, porque a vizinha jurou de dedinho que ele iria cuidar muito bem dela e vigiaria a mamãe para que ela não se perdesse sozinha lá fora.

“Você tinha um desses também”, a velha comentou, olhando com profundo amor a neta se jogar no chão, tentando atrair o animal de verdade com sua cópia mais peluda, “era o Caquinho”.

“Eu não me lembro disso”, o pai franziu o cenho, logo em seguida sorrindo para as caretas de impaciência da filhinha.

“Você não precisou dele por muito tempo, sempre preferiu resolver seus problemas sozinho. Você pediu para eu pôr o Caquinho junto com o corpo do seu avô quando ele morreu, para ele não ficar sozinho no céu, foi uma das coisas mais bonitas que você já fez.”

“Você colocou?”

“Não me lembro”, mas era mentira. O macaquinho de pelúcia estava junto dos seus travesseiros, em sua casa de verdade. “Mas era seu brinquedo preferido.”

“Qual é seu preferido, vovó?”

“Eu não brinco com meus brinquedos faz muitos anos”, ela riu. “Mas eu me lembro de um cavalinho azul que meu pai fez para mim.”

“Onde ele tá? Eu posso ver?”

“Ai, meu anjo, eu não sei onde...”, e então olhou para cima, para o teto, “na verdade, eles estão todos aqui”.

Subiram os três, a menina, com seu gatinho de pelúcia em uma mão e o duende na outra, a avó, segurando nos corrimões com muita força para não cair, e o pai, cheio de caixas de produtos de limpeza, porque as coisas com ele eram práticas.

“Olha, talvez a gente deva entrar primeiro, faz muitos anos que eu não abro o sótão do biso, desde que ele foi para o céu.” Na verdade, ela nunca tinha entrado ali. Estava tentando ser madura o suficiente para passar por esse trauma. Lá em cima, no último andar, havia uma portinha para o sótão, o jardim de seu velho pai, onde ele guardou todas as coisas que traziam dor demais para eles. Brinquedos, os vasos de flor da mãe, sua penteadeira. Às vezes, o pai dela ia lá em cima e passava horas infinitas, arrastando pesadas caixas, cheias de madeiras do passado. Sempre voltava mais arrasado do que havia entrado. Ela nunca se deixou passar por isso.

Eu sou velha. Não há nada lá em cima que possa me assustar.

Mas enquanto subia, um pequeno tremor começava em suas pernas, um suor gelado descia por suas costas. É a velhice, nada mais.

A porta fez um barulhinho inesperado quando abriu, batendo no sino de madeira oca que ficava pendurado logo em cima dela. Pequenos guizos soaram dentro da cabeça da velha, algo parecido com o andar de pequenas meninas borboletas.

Estarão te esperando. Te esperando. Te esperando. Te esperando. Ela entrou, de olhos fechados, com medo de ver Maria Rosa, pequena, em vestidos de chita, com medo de ver os olhos profundos e cheios de riso da mãe. Mas não havia nada. Quase não havia luz. Apenas uma dezena de caixas e móveis cobertos por lençóis.

A menina perdeu a paciência, correu por entre os braços da avó, segurando a porta. Foram indo, ela e o pai, de forma insensível, sem ter ideia do que estavam tocando, revirando por dentro das caixas.

Ela não deveria estar ali. Aquele lugar a amava, cada peça de roupa dobrada em sacos, cada um dos brinquedos, cada objeto que tinha as cores da mãe e as mãos do pai. Toda aquela afeição de coisas inanimadas a abafou, apertou seu coração. Ela andou até a minúscula janela, procurando por ar. Dela, só entrava um mínimo raio de sol do meio-dia.

Ela ouviu uma risadinha, quase como uma comemoração, não soube de onde veio. Fechou os olhos, e sua imaginação parecia escutar a vida de centenas de criaturinhas, construindo e mantendo um lar dentro de suas

memórias, dentro das caixas. Quase uma cidade, habitada por serezinhos que cuidavam com carinho da madeira. Quase esperou vê-los brincando sob seus pés quando abriu os olhos. Mas no chão, esperava por ela algo mais bonito. Aquilo arrancou de seu peito um choro acumulado, talvez de sua vida inteira. A menina se assustou, o pai pediu para que ela saísse um pouco, aquilo era muito difícil para a vovó. Ela se sentou na escada, olhando de longe. Não havia covardia nela que a fizesse fugir do choro dos adultos.

Deitado no chão, havia um cavalinho de madeira.

Com as mãos tremendo, ela tocou o brinquedo, quente pelo raio de sol que o tocava diretamente. Que deve tê-lo tocado todos os dias por muitos, muitos anos, pois seu lado esquerdo não tinha cor alguma, desbotado pelos anos expostos, ele parecia brilhar.

Nem a menina, nem o menino poderiam entender os milhões de significados que um velho brinquedo de madeira poderia carregar.

O tipo de coisa inanimada que deveria permanecer sempre imutável, e até ela, de

carne e osso e tristeza, nas formas mais tímidas e simples, como um raio de sol insistente, tudo muda, mas permanece o mesmo.

“Vovó, você está triste?”

“Bebezinha, eu estou muito feliz.”

“Vovó, tem um homenzinho de vidro olhando para a senhora!”

O duende sorriu para ela na garrafa.

Ela estava no quarto de hospital, com o filho e a nora. Havia algo de leve na cena. Estava feliz. Ela segurava a mão do filho, esperando para segurar seu bebê pela primeira vez.

A velha se lembrava de segurar a mão do próprio pai, numa ocasião semelhante, muitos anos atrás.

“Esse vai trazer chuva pro mundo, minha menina!”, para ele tudo que era bom era chuva. Para ele, ela sempre seria a menina.

A enfermeira trouxe a menina para o quarto, onde a mulher do filho repousava. Os olhos escuros de amora da menina pareciam

conseguir enxergar que nem gente crescida. A avó riu, achando graça nos olhos dela, extraordinários. Sentiu a força do riso, e entendeu como a mãe nasceu dele. A neta também.

“Mas que menina danada!”, da mesma forma que a velha, a enfermeira riu, percebendo o que seriam os olhos miudinhos, daqueles que enxergam todas as coisas, assim como os da avó. Vão ser olhos excepcionais. “Como vai chamar ela?!”

“Lua.”

Chumbo



Everaldo Rodrigues



Desde que me lembro, e eu lembro dum tempo bem antigo, quando eu era só um bruguelo sem pelo no saco, minha vida foi matar. Se existe isso de talento, se Deus repartiu dons entre os homens, o que ele me deu foi o talento de matar bem matado e sumir que nem fumaça da face da terra. Foi assim que eu vivi. Minha língua era o chumbo, e nela eu era fluente. Ninguém falava mais bonito do que eu. Eu era um pistoleiro. O mais maldito daquele sertão do diabo.

Eu tive muitos nomes... "Anjo Preto", "Carrasco", "Nêgo Caixão", "Serenó", "Deus Te Guia", "Matador de Cangaceiro", "Nêgo Estripa"... Meu favorito era "Morte Alada". Soava feito o choro dum órfão. Fiz muitos deles. Me arrependo de uns mais que de outros. Não tinha outro jeito, é o que eu digo. Nesse canto do mundo em que eu andei, ou tu matava ou tu morria. Era fácil escolher. Ainda é. Foi meu pai que escolheu por mim no começo. Ninguém vive

uma vida condenada se puder escolher. Mas *o que é* escolher? Eu ainda não sei. A gente não sabe o que é escolher se não tem opção. Se a opção é morrer. Se tu só aprende uma coisa desde pequeno e cresce nela.

Enfim, tu vai saber quando for tua hora. Quando for tu ali, na mira da arma ou na ponta da faca, tu vai preferir apertar o pescoço dum recém-nascido a ver tua vida escorrer pelo buraco.

Minha memória mais antiga é de meu pai limpando um papo amarelo que era maior que eu, mais pesado se duvidar. Ele tinha uma orelha retorcida de quando um caboclo, na trairagem, meteu um ferro quente nele até assar a carne. Dizia que matou o maldito depois, porque tinha saído vivo, e esse foi o erro do cabra. Minha primeira lição: se puder matar, mate. A piedade mata o fraco.

Lembro que ele limpou o diabo do papo amarelo e depois botou o troço na minha mão. Era pesado que só a moléstia. Quase caí no chão. A mão dele me tocou com algo parecido com ternura pela primeira e última vez na vida. "Tu bota a coronha aqui, as mãos aqui, o dedo aqui...", dizia ele, me ensinando a morte com

suavidade, a voz rouquenha do fumo, o bafo do cancro que matou ele escapando do bucho. Teve sorte. Geralmente um matador morre em serviço. Só Deus sabe por que foi assim.

Tinha uma paca perto duma touceira de mato do outro lado do Velho Chico, e não sei que distância era, só sei que meu pai segurou meus braços e me ajudou na mira. Eu que puxei o gatilho. O bicho foi minha primeira vítima. Tombou na outra margem do rio num instante. Antes tava vivo, de repente tava morto. Aquele mistério me encantou. Era fácil demais. Com oito anos eu já entendia a morte. Era fácil *demais* morrer.

O velho me treinou pra pistoleiro. Era só eu e ele. Mãe nunca tive, não que me lembrasse. Claro que eu nasci duma, ainda que muita gente, anos depois, pensasse que eu tinha vindo de alguma besta-fera do sertão. Esse lugar tá cheio delas. Mas não. Eu tinha vindo duma mulher e sabia disso porque meu pai tinha foto, que ele queimou antes de a doença levar ele. Uma vez olhei por detrás do ombro dele enquanto ele via a mulher na foto, uma dona de cabelo preto e duas bolas de olhos *desse tamanho*. Dizia que ela tinha morrido. Do jeito que era fácil, eu não duvidava.

Quando o velho se foi, enterrei o desgramado perto do rio, peguei as armas e as roupas, fiz uma trouxa e andei por dias e noites até chegar na cidade. E comecei a trabalhar, como ele tinha me ensinado.

Mais fácil que matar a paca foi sair da paca pro ser humano, porque a paca ainda é um bicho bom, o ser humano não. Dá gosto de matar porque é uma raça ruim dos infernos. É o único bicho que faz mal pro outro sem motivo. E, sozinho no mundo como eu tava, eu sabia que tinha que dançar conforme a música. Minha música era o chumbo. Eu dançava como ninguém.

Ainda moleque, fiz meu nome matando prum fazendeiro que caçava ouro naquelas terras secas. Pra mim, ele era louco, mandar matar por causa duma pedra amarela. Depois entendi ele. Era um tipo de poder diferente. Um poder que o chumbo não dava. E também era o poder de controlar o chumbo sem sujar as mãos. Olhando por esse lado, vejo que era fácil. Mais fácil que matar ou morrer.

Na conta do fazendeiro, matei 187 homens, 2 mulheres e 1 criança. Essa era a parte fácil. Mirar, puxar o dedo, ir embora. Pra

quem tinha uma pedra no lugar do coração, meu amigo, era fácil demais... o difícil mesmo era não viciar naquilo.

Ah, porque depois tu pega gosto. Tu vicia. Aquela sensação de mirar e puxar o dedo inebria. É melhor que trepar. A vida do outro tá ali, depois *pou!*, não tá mais. E foi tu quem tirou ela.

Se tu não me entende, é porque nunca experimentou.



A coisa começa a dar errado, meu amigo, quando tu se envolve. Quando tu transforma o fácil no difícil.

Depois que o fazendeiro véi morreu, eu juntei minhas coisas e sumi dali. Ele tinha sido bom pra mim, mas eu aprendi que toda vez que o comandante de alguma coisa se renova, o que vem em seguida quer mudar tudo, quer mostrar que é diferente... e isso, no sertão, significa apagar qualquer coisa que te ligue ao passado. Pra bom entendedor, metade da letra já é palavra, então desapareci, como sabia fazer.

Sumir sertão adentro era simples pra mim. Parecia que meu couro mesclava com a areia. Eu fazia parte daquele deserto. Comia ar e bebia terra. Voava com a brisa. A lua me ocultava. Se eu quisesse, *ninguém* me via.

Depois dum tempo, cheguei num lugar novo. Me instalei. Minha fama tinha chegado ali antes, então foi mais fácil ainda achar um novo patrão, algum homem endinheirado pra eu prestar meu serviço. Se tinha um serviço necessário naquele canto, era o meu.

Meu primeiro trabalho pra ele parecia fácil. Pensei na hora que fosse mesmo.

O nome do futuro defunto era Antônio Carlos Assunção. O fazendeiro disse que ele era um líder sindical, o que pra mim não significava bosta nenhuma. Ele só era o alvo, o pedaço de carne viva que ia virar carne morta. Não valia nada. Não me importava, entende? Que ele fosse o príncipe da Merdalândia ou o duque da puta que o pariu, eu só tinha um trabalho, e era pegar ele, encurralar, puxar o dedo e pronto. Serviço feito, dinheiro no bolso, podia beber uns tragos nalguma bodega, foder alguma puta mais ou menos e dormir tranquilo... pegar outro serviço no dia seguinte. Ou só esperar outro aparecer. Sempre aparecia.

Antônio Carlos Assunção era casado e tinha um filho de sete anos. Mais um órfão pra conta, pensei, não sem um sorrisinho na boca. Tinha até certo orgulho do que fazia. Merda. A vida é uma merda, e a gente se orgulha de cada bosta... mas era melhor pra mim assim. Outra coisa que meu pai me ensinou foi que, se eu pensasse demais, não fazia o que era pra fazer.

Na noite anterior ao serviço, descobri onde era a casa do condenado e fiquei nas cercanias, observando, um binóculo pequeno numa mão, a outra apoiada no cabo do Colt. 45, azeitado horas antes, as seis câmaras preenchidinhas, prontas pro serviço. Vi a família jantando. Eles tinham convidados naquela noite. Um senhor de idade e uma senhorinha, os dois de cabelinho branco. Um rapaz alto de rosto bronzeado. Um preto careca. Na ponta da mesa, o tal de Antônio Carlos. Semblante alegre. Do lado direito a esposa. Muito bela. Bonita até demais pra esse cu de mundo, na verdade. O menininho passava correndo em volta da mesa, brincando com alguma coisa, acho que um avião de papel. Alegre. Todo mundo sorrindo. Nessas horas, tu até sente um pouco de pena. Não da pessoa, mas de saber que eles não fazem ideia do que tá por vir.

Na noite seguinte, cheguei mais perto da casa, na alta madrugada. Só os grilos cantavam, e um galo ousado, vez ou outra, berrava rouco. Contornei o casebre, pisando leve que nem só eu sabia fazer. Passei do lado e olhei por uma janela meio aberta, por causa que a noite tava quente que só o diabo e, pelo jeito, o homem era inocente por demais. Não sabia que a cabeça tava a prêmio. Se sabia, ignorava, achava que ia dar tudo certo ou que a justiça tava do seu lado.

Justiça...

Olhando pela janela, só deu pra ver um altazinho no outro canto da sala, com uma vela acesa aos pés duma linda santa de branco, o rosto de banda, as sombras dançando detrás dela, jogando sua dimensão na parede, fazendo ela parecer maior. Um arrepio percorreu toda minha espinha, e, na hora, estranhei, pois era a primeira vez que isso me acontecia antes dum serviço. Uma gota de suor escapou do chapéu, descendo pela testa. Outra escorregou pela nuca. A mão tremeu de leve. Pensei em fazer um sinal da cruz, alguma coisa que espantasse aquela apreensão. Frescura. Não movi as mãos, mas sim os pés.

Pisei em alguma coisa. Juro que não vi aquela merda. Devia ter visto. Nunca fiz uma coisa do tipo. Só sei que o negócio que eu pisei bateu em outro, que bateu num rastelo de ferro, que desabou e estrondou num balde de metal. O som tiniu pela noite feito um sino de catedral.

Não tive nem tempo de praguejar: ouvi os passos assustados dentro da casa. O homem tinha o sono leve. Meteu os pés descalços pelo chão, fazendo alarde. Abriu alguma porta lá dentro. Depois, um estalo metálico. Uma espingarda.

Quase senti o cheiro do chumbo e, na mesma hora, o revólver brilhava na minha mão, o polegar dançando no cão. Podia ter ido embora. Achei melhor fazer logo o serviço. Também senti, por alguma réstia de compaixão, que sabe-se lá de onde surgiu, que era melhor matar o homem lá fora mesmo e não na frente da família.

Que ele saísse. Eu tava esperando.

Ele berrou algo como “Quem tá aí fora dê simbora daqui senão meto chumbo no teu rabo, cabra!”, e eu só fiz selar a boca num aperto e dar mais passos na direção dos

fundos, passos então cuidadosos, cientes de que mais barulho entregaria minha posição.

Parei debaixo de outra janela e, na mesma hora, a desgramada explodiu em cima da minha cabeça. Foi caco e lasca e ferro voando pra todo lado. Saltei no chão e me arrastei que nem uma cobra.

“Eu tô avisando, jagunço fi de rapariga! Vai timbora!”

Ouvi a arma engatilhar de novo. Os passos me diziam que ele tava perto. Uma camada fina de madeira nos separava. Prendi a respiração e esperei. Ele também tava parado. Podia ouvir o ar entrando e saindo dos pulmões dele, um assovio que parecia berrar pela própria vida, por fim a par de sua morte próxima.

Catei um pedregulho no chão, devagar, sem respirar. Lá dentro, ele ofegava. Ergui a pedra, mirei e lancei ela na varandinha. Ela fez um *ploc!*

“Vou te pegar, desgramado!”

Ele correu na direção da porta, sei que correu, mas não sei se eu calculei errado. Pensando agora, meus ouvidos ainda apitavam

do pipoco que tirou tinta do meu chapéu. Acompanhei seu passo e, quando ele saiu, eu tava na borda do muro. Mirei e puxei o dedo.

A arma estalou e eu vi o buraco se abrindo no ombro dele. A espingarda de cano duplo caiu no chão na hora. Puxei o dedo de novo, mas errei o balaço: o desgramado tinha escorregado e a bala bateu no batente, abrindo um rombo.

Dei três passos, tentando ter uma visão melhor. Debaixo da varanda, a lua fazia uma sombra, e os poucos segundos em que só vi sombras bastaram pra ele pegar a espingarda. Meu coração deu um pulo. Baixei a arma e saltei no chão. O tiro ecoou por cima de mim de novo. Deitei e mirei do solo mesmo, o rosto cheio de pedregulho. Atirei uma vez. A bala ricocheteou numa pá apoiada perto da porta.

“Diabo!”, murmurei, e atirei mais duas vezes. Ele já tava em cima de mim. Tinha largado a espingarda inútil. Foi só então que eu vi o quanto ele era grande. Devia ter quase dois metros de altura, os ombros eram largos, e os tiros, em vez de esvaziarem ele, pareciam inflar o maldito.

Puxei o dedo outra vez, mas só vi um borrão. Era o pé dele acertando minha cara. Rolei pra trás, pela primeira vez temendo uma falha verdadeira. Aquele cabra tinha força pra me matar.

Rolei e rolei pra trás e percebi que os dois tiros que eu tinha dado antes do chute pegaram no meio do peito dele. Ele cambaleava. Mirei outra vez, sentado com o rabo no chão. Só ouvi um *téc*.

Eu tinha descarregado a porra da arma.

Movi as pernas feito um doido, me afastando, porque, mesmo cambaleando, ele vinha pra cima de mim. O maldito era ruim de matar. Mérito pra ele. Enfiei a mão no cinturão e apanhei mais balas. Ele andava devagar, uma mão no ombro ferido, a outra remexendo atrás da calça, e eu sabia o que ele tinha ali. O que ele queria usar em mim. Precisava capotar o maldito logo.

Consegui levantar virando um bunda-canastra e enfiei as balas no tambor o mais rápido que podia. Meu coração martelava, querendo escapar pela garganta. Parecia que tinha uma caldeira nos meus ouvidos.

Bati o tambor, ergui a arma e, antes de conseguir atirar, ele deu meio que um salto, a

mão escondida revelando uma peixeira grande e brilhante. Caiu em cima de mim. Puxei o gatilho.

Senti o aço frio no meu ombro, e o gosto da faca brotou no fundo da minha língua. Uma luz azul vibrou na minha cabeça. O corpo dele se contorceu sobre o meu. Minha bota deslizou no pedregulho. Dei outro tiro, mirando só Deus sabe onde, e o corpo dele levou uma espécie de choque, desacelerou e desabou.

Saí debaixo dele que nem um rato escapa duma armadilha. A peixeira enterrada no meu ombro esquerdo. O sangue do maldito manchava minha camisa, assim como a terra seca e meu próprio sangue, que escorria num filete.

Dei um rosnado de ódio. O maldito tinha dado um trabalho dos infernos. Que diabo!

Ele ainda tava vivo.

Gemeu e esticou o braço pra frente. Seu rosto lambia o chão. Murmurava alguma coisa. Enquanto preenchia os buracos do tambor, tentei ouvir. Era algo como *onanda, erto, onanda*. Inclinei a cabeça e entendi. Era "Iolanda", "Roberto". Iolanda. Roberto. Respirei fundo, o corpo quente, ainda não ciente de todas as dores.

Apontei o Colt e descarreguei os seis tiros nas costas dele, de cima pra baixo. O sangue subia em pequenas gotas. O corpo ainda vibrava. Recarreguei e descarreguei nele de novo. *Pou! Pou! Pou! Pou! Pou! Pou!* Algo feito uma nuvem vermelha pairava em nossa volta. Soprei o cano fumacento do revólver e guardei. Agora ele tava parado.

Quando me virei, a mulher e o menino me olhavam emoldurados pela porta. A lua batia do outro lado da casa, mas eu podia ver o brilho das lágrimas nos olhos da mulher. O menino tava agarrado a algum brinquedo, algum boneco de palha. Parecia não entender.

Eu não precisava daquilo.

Me afastei rápido, a lâmina ainda enterrada em mim. Alguns metros depois, ouvi o grito dela, ouvi os passos. Em menos de um minuto, eu tava longe demais pra escutar os lamentos.



Não devia ter sido tão difícil. Eu já tinha entendido isso, mas várias coisas se sucederam e me fizeram entender *ainda mais*.

A primeira delas foi que a maldita ferida no ombro não fechava. Quando cheguei no puteiro, porque não tinha casa e era no mundo que eu vivia, gastei tiras e tiras de pano, sequei e limpei com conhaque, e, mesmo assim, o desgracento do furo da faca não melhorava. Passei a madrugada toda acordado, apertando a ferida, com medo de dormir e sangrar até morrer... engraçado, de repente, eu tinha medo da morte, sem perceber. Muito engraçado.

O dia amanhecia quando, finalmente, o maldito do buraco estancou, mesmo ficando aberto feito uma xana. Eu não conseguia juntar as bordas do couro pra costurar. A pele ali parecia dura, mais seca que o normal. O corte queria porque queria ficar aberto.

Então deixei. Só botei um curativo velho em cima e pronto. Me sentia bem, apesar de tudo. Comi uma pratada de sarapatel; a puta, eu deixei pra outro dia. O serviço tinha me deixado exausto. Nunca um homem tinha demorado tanto pra morrer comigo. Eu tava acostumado a chegar, atirar e ir simhora. Nunca, nunca... Essa porra me incomodou um pouco. Talvez eu não fosse mais o mesmo. Na casa dos 38, mais de cem mortes nas costas... quem

sabe não fosse hora de aposentar? De me ajeitar num canto do mundo, numa cabana, só plantando e colhendo, vivendo quieto, sozinho, do jeito que eu gostava?

Mas não... não tinha como colher coisa boa do que eu plantava, não... Eu só plantava corpo. Não ia colher coisa diferente. Nunca me iludi. E eu gostava daquilo.

Continuei aceitando os serviços. Eles vieram logo, bem logo na verdade, pois dois dias depois já tava matando desafeto do fazendeiro e o caralho a quatro. A facilidade tinha voltado. Eu nem tremia o dedo.

Única coisa que tava me incomodando era a porra da ferida.

Ela não parava de sangrar, ainda mais nas horas que eu tava em serviço. Era só tirar a arma do coldre, e, mesmo que fosse com a outra mão, não sei se era o esforço, mas a merda do furo abria e começava a sangrar devagar, como se mangando de mim. Eu sentia o líquido saindo. Quase conseguia escutar ele escorrendo. Toda noite, tinha que trocar a porra do curativo, às vezes, duas, três vezes no mesmo dia, senão minha camisa ficava empapada. Não sei de onde vinha tanto sangue.

Outra coisa começou a me incomodar também, duas semanas depois do ocorrido.

Eu tava tomando banho no quarto numa puta, a bicha deitada lá, nuinha de costas, e eu só olhando. Dei uma cochilada na banheira de madeira velha e só acordei com o grito da maldita! Dei um pulo, a mão voou pra arma, o peito em galope. A porra da ferida sangrando devagar. A vadia olhava pra janela, apontando. Olhei pra lá. Não tinha ninguém. Mas a puta tava mais pálida que bunda de alemão.

“Que diabo de agonia é essa, quenga?!”, gritei, querendo esconder o susto. Ela olhou pra minha cara... e *tentou* falar. Só saiu um resmungo, parecia que tinha engolido a língua. Ficou lá murmurando, até que conseguiu:

“Tinha... tinha um homem... ali...”

Um homem. Uma porra dum homem! Diabo, teria estourado a cabeça da vadia se não fosse a mais bonitinha daquele buraco. Um homem na janela vendo a foda dos outros era mais que comum naqueles lados. Depois eu pegava o puto.

“Eu já vi aquele homem”, continuou ela. E eu achando que já tinha acabado.

“É mesmo? E qual homem dessa cidade tu não viu? O padre?”

Ela me olhou com um pedacinho de mágoa, mas entendeu o que eu quis dizer. Mesmo assim, no fundo dos olhos dela, ficou um pouquinho de medo.

“Esquece, nêga... era um safado das costas ocas. Depois pego o maldito.”

“Era um homem...”, continuou, e eu respirei fundo pra não pular no pescoço dela. Ela bateu o queixo e terminou: “Era um homem que devia tá morto”.

Na mesma hora, alguém bateu na porta, um monte de socos fortes. A arma já tava com o cão armado no mesmo segundo.

“Abre, Nêgo! É Toinho Tibéra! Seu Ariovaldo quer falar com tu!”

Relaxei. Toinho Tibéra, o pau mandado de Ariovaldo Gusmão, o patrão. O Fazendeiro. Dono da porra toda... com certeza era mais serviço pra mim. Vesti as roupas, arrumei o cinturão e as balas, botei o chapéu. Olhei um pouco pra nêga antes de sair do quarto. Ela ainda parecia assustada.

Fui de carroça até a fazenda do homem, um lugar gigante, bonito, com coisa pra dar de bandeja se quisesse. Mas ele não queria. Lá, me levaram pra sala do fazendeiro, canto luxuoso, cheio de livro que eu nunca saberia ler, pinturas que pareciam vivas e cadeiras estofadas, boas demais pro meu couro duro.

Dentro da sala, vi que a coisa tava estranha. Tinha mais quatro jagunços lá, pistoleiros que também faziam serviço vez ou outra pra Seu Arioaldo quando tinha muita coisa pra se fazer e eu não tava disponível. Mas eles nunca tavam lá quando eu ia. Me encararam com os olhos estreitados, uma mistura de inveja e medo que dava pra sentir no jeito que a mão ficava na região da cintura, os dedos ensaiando a puxada do gatilho se precisasse. Aquilo me deixou cabreiro.

Seu Arioaldo girou na cadeira, revelando seu corpo miúdo e o bigode que cobria o beijo de cima. Enfiado naquele espaço cheio de pelo, fumegava um cachimbo. Ele me olhou por um tempo desconfortável. Uma encarada longa, e eu sabia que ele não tava com receio de falar, só pensava no melhor jeito de falar, breve, como sempre foi. Às vezes,

ele me dava um serviço sem dizer nada, só passando um papelzinho com o nome anotado.

Tirou o cachimbo da boca e inclinou a cabeça: "Tu matou Antônio Carlos Assunção mesmo?".

A pergunta era uma ofensa, eu sabia que era. Mas um homem daquela estirpe não perguntava uma coisa dessa sem motivo. Por isso, contive a raiva que tentou se apoderar de mim. Onde já se viu duvidar do meu serviço? Em outros tempos, eu teria matado os cinco naquela sala antes que o primeiro sacasse o revólver, e ainda sobrava bala pra Toinho Tibéra.

A ferida no meu ombro beliscou, e eu entendi aquilo como um recado. Fique na sua.

"Tenho certeza que matei, sinhô", falei, calmo, sem revolta na voz. Só na voz.

"Certeza? Confirmou?", perguntou ele.

"Descarreguei mais de 15 tiros no homem, sinhô... se ele tiver vivido depois disso, não morre mais."

"Não é o que tão dizendo por aí...", murmurou um dos jagunços. Não sabia o nome do sujeito, porque não passava dum toco de merda pra mim, e na hora o sangue esquentou.

“Como é que é?!”

Ele ficou meio atônito. Não disse mais nada.

“Você tem *certeza?*”, reperguntou o patrão, e eu olhei pra ele. Tava sério, de verdade. Não tinha deboche nas palavras, não. Ele temia algo. Reputação. Repercussão. Represália. Todas essas merdas com “R”.

“Seu Ariovaldo...”, comecei, abrindo os braços, “eu assisti o enterro do homem. Botaram ele numa caixa de madeira e enterraram atrás da igreja. Tô te dizendo...”

Notei o olhar do fazendeiro na direção do meu ombro. Havia um botão de flor vermelha ali, o sangue da ferida que acumulava lentamente no tecido.

“Ferido em serviço, Nêgo?”, perguntou ele, batendo as cinzas do cachimbo.

“Acontece.”

“Nunca contigo.”

“Pra tudo tem uma primeira vez...”

“E uma derradeira.”

Ele tinha razão, então não emendei.

O homem respirou fundo e apoiou as mãos no queixo.

“Não duvido de seu serviço, Nêgo. É o melhor. Mas as pessoas estão falando... que Antônio Carlos Assunção não tá morto. Foi avistado por aí.”

Tentei falar. Ele ergueu a palma da mão.

“Pode ser mentira. Pra te derrubar. Pra *me* derrubar. Pode ser um irmão dele se passando. Não duvido. Pode ser só a fé besta desse povo. Só queria saber de *você*. Porque, se você me diz que fez o serviço, eu acredito.”

“Eu agradeço, sinhô”, falei, meio contrariado. Sabia que, agora, tinha um deboche na fala.

“Espero, encarecidamente, que sejam só boatos. Entendeu?”

Não lhe respondi, mas captei o olhar de cada jagunço naquela sala, todos em cima de mim. Tinha entendido o recado.

Claro que tinha entendido.



O recado era claro. Se Antônio Carlos não tivesse morrido, eu morreria no lugar dele.

Eu só não conseguia aceitar a ideia daquele homem ter sobrevivido a tanta bala.

Ninguém, nem fera nem homem, tomava tanto pipoco de dum-dum e sobrevivia pra contar história. Só podia ser lenga-lenga daquele povo. Líder sindical... aquela desgrama de gente só queria alguém pra tomar atitude por ela. Então, quando perderam, sei lá... devem ter pensado que o homem era Jesus. Mas nem o Messias levantaria depois de tanto chumbo.

Mesmo assim, mesmo acreditando que eu tinha feito meu serviço direito, comecei a dormir com um olho fechado e o outro aberto. Um boato de incompetência desse podia me colocar em risco, e Seu Ariovaldo não tinha lá esse apego todo comigo. Mandar me apagar não era a coisa mais difícil do mundo, ainda que *fazer cumprir* essa ordem fosse. Não duvidava. Se me emboscassem e eu vivesse, eu mataria a família daquele véi todinha. Do bisneto de um mês até a esposa com um terço da idade dele. Esperava que não precisasse. E não precisou porque, três dias depois, eu recebi uma visita. Não a visita dum matador, mas duma mulher.

Eu tinha me enfiado num barraco na beirada dum riacho, carregado de arma até os

dentos, deixando todo mundo ciente de que me pegar era um serviço pra cabra macho de verdade. Ninguém no vilarejo ousava dizer na minha cara que duvidava das minhas capacidades, mas eu sei que, na boca pequena, aquela raça de animal insinuava. Eu não tava preocupado com morto que não morre, porque, na minha cabeça, o serviço tava feito e pronto. Era tudo conversa. Mas ouvia, vez ou outra, enquanto entornava uma pinga, que fulano tinha acordado de madrugada com alguém andando pelo quintal, pisando pesado e murmurando, e que a voz era grossa que nem de homem que tivesse engolido terra. E então a pessoa ficava quieta quando se perguntava "Mas quem tu acha que era?", e eu não sabia se o silêncio era por medo de mim ou pelo horror de imaginar o impossível. E, toda vez, nesse estupor de lugar, o papo acabava quando eu levantava e saía. Só que eu só levantava e saía porque a desgrama da facada abria de novo, e o sangue sujava minha roupa.

Uma noite, fui pro barraco e tinha um vulto parado perto da porta. Vi de longe, debaixo da lua minguante, os contornos sinuosos do corpo e o vento balançando os cachos que desciam da cabeça. Era uma

mulher, uma daquelas que nasce uma em mil no sertão, não de beleza rara, mas que parece que não devia tá ali.

Não puxei a arma porque ela não tava escondida. Ela me esperava na honestidade. Se fosse cobrança, aceitaria de bom grado, e ela teria sua chance. E foi o que eu pensei que fosse quando cheguei mais perto e reconheci ali, naquela figura, a viúva de Antônio Carlos Assunção.

Várias coisas se passaram na minha cabeça na hora. Foi como se, atrás dela, se estendesse uma carreira de outras dezenas de viúvas, paradas e me encarando. Era o peso das mortes, ou Deus me castigando. Não sei. Prefери parar numa distância um pouco segura, mesmo que eu não visse com ela volume de arma ou intenção violenta. Ela só me olhava atravessado, o corpo apoiado na parede, parecendo não me temer, mesmo depois do que fiz. Eu sabia que um ódio intenso roía o coração daquela mulher. Ela encarava o motivo de sua desgraça.

“Senhora”, falei, tocando a aba do chapéu. Tinha esquecido seu nome, o que na hora considerei falta de respeito. Ela me

encarou de volta, os lábios apertados, a respiração dura. Era feito uma fera do deserto, uma serpente que tu encara de longe porque se sente seguro, mas que te engambela com o olhar até tu não perceber que ela tá a um bote de te matar.

Esperei ela falar alguma coisa, mas a danada ficou muda me encarando, como que me torturando com os olhos, não sei. Só sei que teve uma hora que cansei. Não tinha nada pra tratar com ela. Dei um passo. Ela desencostou da parede.

“Eu sei que tu é o nêgo desgraçado que contrataram pra matar meu marido”, disse ela, dum jeito que parecia contido, mas era como umas talinhas de madeira segurando uma barragem. “Tudo o que eu mais queria nessa hora era te mandar direto pro inferno, seu desgraçado.”

“Oxi, e por que não manda?”, perguntei, mais pra provocar, percebo agora, e me orgulhei quando vi os cantos dos olhos dela se encherem daquele brilho dolorido. Mas ela foi brava, puxou o ar com força e não deixou a lágrima cair.

“Não te mando porque sei que quanto mais tu demora pra ir, mais o caldeirão esquenta pra tu, fi de rapariga. Agora preste

atenção”, respondeu ela, e eu posso dizer que esperava um pouco que ia ouvir aquilo. Era a anunciação, certo? Alguém precisava me dizer com conhecimento de causa. Se o povo todo comentava, é porque no fundo tinha um pouco de verdade. “Tu vai carregar essa tua arma e afiar teu punhal. Tu vai se portar como homem e terminar o que tu começou”, disse, avançando na minha direção. Chegou pertinho de mim, trêmula, os braços cruzados, grudados no busto bonito, o rosto tão vermelho e, ao mesmo tempo, límpido que de perto assim encantava. Só as palavras dela que me fizeram arrepiar. “Tu vai terminar o teu serviço, porque as balas que tu metesse em Antônio Carlos não foram o bastante pra matar seu espírito. Ele tá morto mas não tá e, se tem um responsável por essa desgraça, é tu, e tu vai consertar!”

Ela disse essas três últimas palavras ponteando cada uma com um dedada no meu peito. *Tu. Vai. Consertar.* A danada me afrontava. Mesmo com medo, mesmo em desvantagem.

Só que eu nunca fui homem de levar desaforo, muito menos duma miúda que pensa que pode falar qualquer merda só porque

deixei ela viúva. Peguei o punho dela com uma mão e com a outra envolvi seu pescoço, um negócio tão fino que meus dedos quase se juntaram na nuca dela. Empurrei ela contra a parede. A bicha parecia um potro selvagem. Deu um urro, meio de dor meio de revolta, e me encarou nos olhos enquanto eu dizia:

“E tu acha que tu vai me emprenhar pelos ouvidos, dona viúva?”

“Pra tu é senhora lolanda, seu filho dum cabrunco!”, emendou ela. Senti suas veias pulsando sob minha mão. Chegou a dar um tesão na hora. Ela percebeu pelo meu sorriso ou pela força que eu fazia contra ela. A danada não se dava por vencida, e aquilo me deixava duro.

“Pois sinhá lolanda, eu podia pregar tu nesse muro aqui agorinha mesmo e deixar ele com a tua forma, e tu podia gritar o mais alto que nem uma alma desse sertão vinha te buscar, tu sabe, não sabe?”

“Ah, mas tu não vai fazer isso”, rosnou ela, e eu perguntei: “É mesmo? E por quê, madame lolanda?”. E ela me disse: “Porque tu sabe que *e/e* vai vim atrás de tu”.

Soltei uma gargalhada. “Ele? *E/e*? Teu defunto? Teu morto-vivo? Com o tanto de bala

que botei nele? Aposto que não deve ter mais nem a carcaça!”

Ela me encarava, agora não só enfurecida, mas ofendida. Então seus olhos desviaram pra algo que parecia estar atrás de mim. Meu peito deu um disparo, igual cavalo assustado. Até pensei em me virar, porque a sensação de arrepio na nuca foi tão forte que eu jurava que tinha alguma coisa ali, com a gente.

Mas não. Ela olhava pro meu ombro esquerdo, pra ferida que mais uma vez chorava sangue, e que minha camisa bebia feito um sedento.

“Tu sabe que eu digo a verdade”, falou ela, e junto do olhar furioso se estampou um leve sorriso de vitória.

Eu soltei a maldita na hora. A ferida não só sangrava, mas doía. Dava agulhadas, e eu tinha certeza de que era porque eu tava perto daquela desgramada. Cambaleei alguns passos pra trás e puxei o ar. No final, parecia que era eu quem tava contra a parede. Suava, e meu peito parecia que ia estourar.

“Ele vai lá todas as noites”, disse ela, do nada, a voz então não furiosa, mas cheia de pesar. “Eu juro por tudo que é mais sagrado que eu queria muito meu marido de novo do

meu lado, vivo, pra me ajudar a criar meu filho, pra me abraçar de noite. Mas ele tinha que se meter em querer defender esse povo, em querer enfrentar os poderosos. Eu sabia que ele ia morrer. Mais cedo ou mais tarde. Iam matar ele e iam me deixar viúva com um filho pra criar. É assim que as coisas são aqui. É assim que cês resolvem tudo. Mas dessa vez a coisa não saiu do jeito que cês queriam. Tu matou Antônio Carlos e o inferno mandou ele de volta. Só que não é ele. Não é ele, e eu sei que não é, porque eu nunca teria medo do meu marido, e aquela coisa que bate na janela toda noite me pedindo pra deixar entrar não é o homem com quem eu casei. Aquilo é alguma coisa de parte do cão, e a única pessoa em quem posso botar a culpa por tudo isso é em tu! Porque se não fosse tu, meu marido tava vivo, do meu lado!”

“Dona”, falei, não sei por que, mas sentindo a garganta queimar, quase sem ar, “se não fosse eu, outro caboclo tinha matado teu homem. Diga o que quiser, mas viver mais tempo ele não vivia.”

“Pois agora ele tá vivendo”, falou Lolanda, o rosto banhado nas lágrimas que, por fim, venceram toda a coragem que ela vestiu naquela noite. “Mas essa vida que meu marido

vive agora é uma vida que eu não quero pra ele. E tu sabe que isso agora é responsabilidade tua. Antônio Carlos voltou do além, Morte Alada, e tu sabe o que ele quer. Tua ferida que não sara sussurra isso na sua orelha todo santo dia. Tu só não deu atenção ainda. Mas tu sabe.”

Sim, eu sabia.

Antônio Carlos tinha voltado por mim.



Passei a noite todinha sem pregar os olhos, pensando nas palavra daquela mulher e me assustando com cada ruído que as vigas da casa faziam, como que pra me assombrar. O revólver não saiu da mão um só segundo... Mas a madrugada virou dia, e o morto-vivo não foi atrás de mim. Eu não sabia se isso era bom ou ruim. Depois que a noite passou sem incidentes, ficou mais difícil acreditar na história toda, só que o medo que senti era tão novo que mexia com cada pedaço do meu corpo. Era como um aviso, um alerta. Feito um gato que se arrepia quando alguém ameaça ele. O retorno de Antônio Carlos parecia irreal sob o sol, mas, no escuro da noitinha, crer era como respirar.

Então, pra confirmar de vez a coisa toda e, quem sabe, terminar o diabo do serviço, eu fui no único lugar que um defunto deve tá: no seu túmulo.

Fui debaixo de sol mesmo, porque tinha mandado gente demais pro além pra me arriscar em seus territórios de noite. Pense o que quiser. Depois que uma história do tipo chega até teu ouvido, tudo parece possível. Fui e entrei naquele terreno miserável, cheio de cruz torta e gente que tinha deixado tudo pra trás. E essa é a lei, não é? Um dia deixar tudo pra trás, querendo ou não. Eu não tinha nada além do meu trabalho, então, se fosse pra deixar pra trás, que deixasse com as contas fechadas. Cabra nenhum ia andar vivo por esse sertão tendo sido decidido que ia morrer na minha bala, não. Se esse tal de Antônio Carlos era um defunto ressuscitado ou só um espertinho se passando, ele ia acertar suas contas de novo comigo.

Minha surpresa nem foi tão grande quando eu cheguei no lugar que o cabra devia tá enterrado e vi um buraco largo no túmulo simples. No fundo da cova, dava pra ver umas réstias do caixão todo arrebetado. Me agachei

e olhei bem, as gotas de suor caindo lá embaixo. Não tinha nem sinal de corpo. O que quer que fosse aquele homem, tinha saído de dentro da terra com o vigor dum touro brabo.

Foi a primeira vez na minha vida que duvidei de mim. Que duvidei da minha existência, da facilidade com que matava, das regras do jogo. Eu tinha mandado uma alma pro satanás e ele tinha me devolvido. Ou então era Deus que me mandava um castigo antecipado. Não sei. Não me importo. Só queria que aquela dúvida saísse da minha cabeça, que o mundo voltasse a ser como era, eu matando e a coisa morta ficando lá onde devia ficar. Se essa conta não batia, alguma coisa tava errada.

O ruim de consertar algumas coisas é que, às vezes, tu não faz ideia de como se faz. E eu sempre fui o homem que destruía, que desmantelava, que resolvia na desfazença, e não na remendagem. O que eu tinha feito de errado? Tinha matado um homem que não queria morrer? Mas qual homem quer?

Minha vista escureceu e tudo rodopiou, porque a confusão era tanta que nada mais fazia sentido. Segurei a cabeça entre as mãos e

respirei fundo. Me sentia como uma criança perdida no mato, sem conseguir voltar pra casa e com os barulhos da natureza confundindo tudo.

Fiquei daquele jeito, esperando o corpo se acalmar. Não sabia o que fazer, mas tinha aprendido apenas uma coisa a vida toda e, se as coisas tinham que se resolver de um jeito, só podia ser do jeito que eu sabia. Eu tinha que matar Antônio Carlos Assunção de novo. E de novo. E quantas vezes fossem necessárias, até o corpo finalmente cair e não levantar mais. Mas falar é fácil. Na hora de pôr em prática, o medo faz tu se esquecer do que tu sabe.

Então a coruja piou naquele terreno de morte, e eu levantei o olhar só pra ver que, de longe, no horizonte, vinha um mundão de nuvem escura que fazia meses que não caía naquele pedaço do inferno. Vinha tempestade, e eu não quero dizer só chuva. Era o destino, o último pedaço da história. Eu tava nele e tinha que percorrer até o fim.

Saí do cemitério com os trovões pipocando feito bomba, o vento trazendo aquelas gotinhas que te deixam doente. Enquanto saía, era como se cada alma daquele lugar olhasse pra mim, por detrás das lápides e das pedras,

pensando: “Olha, aquele ali daqui a pouco vai se juntar a nós”. Isso só me fez correr mais rápido e perder o controle do meu espírito. Desde pequeno, eu nunca tinha sentido tanta confusão. Era como o momento em que eu matava a paca do outro lado do rio. Algo se revelava pra mim, uma lição nova e definitiva.

De repente, tudo o que eu queria era uma dose de cachaça. Ia me ajudar a botar a cabeça pra funcionar, tinha certeza que ia. Entrei no primeiro bar aos tropeços, assustando o povo. Muitos saíram correndo de lá, com medo da morte, mas, do jeito que eu tava, não tinha condição de dar fim a ninguém. Pedi uma garrafa inteira e dei uma talagada longa, de pura sede. A água do cão desceu queimando a goela e o peito, acendendo tudo por dentro. Depois desse gole, eu já me sentia outro homem, outra coisa. Dei mais um e a pele já suave, encarnada feito o couro do satanás. Aos poucos, a tremedeira foi embora. Eu encarei o dono do boteco e juro por Maria mãe de Jesus que o homem soltou um peido quando me encarou de volta. Arreganhei os dentes pra ele, mas reservei aquele tesão de matar pra outra coisa, aquela que caminhava no mundo dos vivos sendo morto. Era ela que eu ia caçar naquela hora.

Saí do bar feito uma besta, cruzando a porta direto pra chuva que desabava, garrafa na mão esquerda, revólver na direita, o cinturão de bala se esfregando no tecido grosso da calça. Tudo à minha volta era escuridão e espoco de raio de cima pra baixo, violento que só a gota-serena. O vento urrava, girando e mudando a direção da chuva, pra esquerda, pra direita. Dei outro gole na garrafa. Desceu que nem areia. Engoli, abri a boca e gritei: "Antônio Carlos, demônio dos infernos, eu tô te esperando pra terminar meu serviço, munição! Aparece e vem me enfrentar, cabra!".

Um raio iluminou a tempestade, clareando o céu e revelando uma figura que me esperava no outro lado da rua. Era uma coisa encurvada, com os ombros largos e os braços caídos. A terra do cemitério parecia que tinha adubado o homem, porque o que ele não tinha de músculo em vida tinha agora depois de passear pelo limbo. Eu apertei os olhos e encarei, enquanto engatilhava o ferro. Outro raio iluminou aquele rosto que não devia se mexer, que não devia sorrir. Era um sorriso de caveira escondido detrás duma máscara de pele. O rosto dum homem morto que viu o outro lado e voltou pra contar como que era.

Ergui a mão rápido que só a moléstia e atirei. O canhão pipocou feito um trovão, acendendo no ar, mas, quando se apagou, a figura não tava mais lá. Corri naquela direção, o corpo aquecido, a gana de matar correndo por minhas veias, pulsando como uma máquina de morte que foi ligada.

Com a rabeira do olho, vi ele se esquivando pra um beco. Fui atrás, ouvindo os passos pesados na lama e nas pedras das ruas. Ele seguia numa direção que eu conhecia muito bem, pra casa de Ariovaldo Gusmão, o mandante de sua morte e, com certeza, alguém de quem o defunto gostaria de se vingar. Não fazia diferença pra mim. Que eu matasse o homem de novo na frente do patrão, por que não? Provaria meu valor e ainda pediria outro pagamento. Duas mortes, dois preços. Fazia sentido naquela hora.

Segui o morto-vivo. Mesmo que corresse, não conseguia alcançar o bicho, que se movia sob a tempestade como se fosse parte dela, reaparecendo quando relampeava e sumindo quando a escuridão nos abraçava, pra surgir depois lá longe, como se andasse a cavalo. Disparei vez ou outra na direção dele, mas

nenhuma bala parecia acertar e, se acertava, não fazia diferença. A coisa seguia implacável.

Em algum momento, eu arrebentei a porta da casa de Seu Ariovaldo, que ecoava limpeza e cheirava a silêncio. Parecia que não tinha ninguém ali, mas tinha, eu sabia que tinha. Logo os jagunços disparariam escada abaixo, e eu tinha que ficar esperto.

A porta se fechou atrás de mim e escondeu parte do som do temporal que caía lá fora. A calma e a escuridão dentro do casarão me deixaram arrepiado pela primeira vez desde a garrafa de cachaça, que, em algum momento, se despreendeu da minha mão e ficou pelo caminho. Senti falta da meiotá perdida, e lambi os beiços, procurando algum sabor ali, mas só encontrei suor. Agora ouvia o ranger da bota no chão de madeira e o pinga-pinga d'água da minha roupa. Torci pra porra do revólver não ter se molhado demais e comecei a subir as escadas.

Na metade ouvi uns gritos. Lembrei que o diabo do homem tinha esposa e filhas, duas menininhas de oito anos, gêmeas, e disparei atrás do som. O maldito do morto-vivo se vingava nas crianças.

Cheguei perto duma porta, onde o som era alto e desesperador. Tudo tava escuro, mas vi o vulto, vi o pavor das garotas sentadas no chão, abraçadas, as bocas arreganhadas num grito agudo. O quarto se iluminou com os quatro pipocos que dei e, depois, ficou escuro de novo. Escuro e quieto. Minha cabeça rodava, e me arrependi da pinga na hora. Recarreguei o tambor da arma, não com toda a velocidade que deveria, e consegui derrubar duas balas no chão antes de ouvir outro som, à esquerda, um barulho que parecia de móveis caindo no chão. Depois um berro, de mulher, seguido pelo urro que parecia o dum porco sendo atravessado por uma lança, mas que eu sabia que vinha da garganta de Ariovaldo Gusmão. Ele via a confirmação da minha falha da pior maneira possível. Corri, sentindo as pernas meio moles, sem entender como a coisa foi parar lá, sem entender o silêncio no quarto das meninas, sem entender por que eu falhava tanto naquele serviço. Maldito homem que não queria morrer! Maldita alma que não se desgarrava! Maldito verme que não roía!

Vi a porta aberta e atravessei sem pensar, dando de cara com a figura de Ariovaldo Gusmão me encarando sentado, o rosto

endurecido de medo, como se tivesse visto um pesadelo ganhando vida. A mulher dele tava estatelada no chão. E atrás, com as mãos nos ombros do velho, o defunto que se recusava a morrer.

Ele me olhou no fundo dos olhos, e por um segundo eu senti que ia fraquejar, que ele ia fazer comigo o que devia ter feito com o velho Ariovaldo, mostrado algum pedaço do além que fritou a cabeça do homem, já que ele olhava pra mim meio abobalhado. Mas me recusei. Puxei o cão, ergui a arma e dei três tiros. Dois pegaram nele, o outro no lampião aceso e pendurado na parede. A escuridão engoliu o gabinete. Passos fizeram a madeira ranger. O homem ainda tava vivo! Não era possível!

Foi quando eu ouvi um estrondo, e diversos outros, que soavam como um exército marchando. Cambaleei e me apoiei na mesa do patrão. Queria atirar, queria matar qualquer coisa que se mexesse e, ao mesmo tempo, só queria que aquilo acabasse, que Antônio Carlos tocasse meu ombro e algum pedaço da minha mente se desprendesse e eu apagasse pra sempre.

O som ensurdecador se revelou um monte de passos. Eram os jagunços do homem entrando na casa. Escutaram os tiros e vieram ver o que aconteceu.

Traziam lamparinas, já que a tempestade ainda emborcava um oceano sobre o lugar com suas nuvens escuras, e se aproximaram do gabinete. Gritei que tava lá, pra evitar qualquer merda, e ouvi os estalos dos revólveres sendo sacados. Quando a luz do fogo finalmente chegou, eu vi as faces de sete homens que conhecia bem. Todos me olhavam e olhavam a cena no gabinete como se não entendessem. Nem eu entendi aqueles olhares, então me virei na direção do patrão.

Tinha dois buracos de bala no rosto dele.

A arma ainda fumegava na minha mão.

Senti a garganta se mexer e engoli o que parecia um bolo de charque estragada. Olhei de volta pros homens, que me encaravam como se fizessem perguntas.

“Tu matou o patrão, Sereno?”, alguém falou, como se só pra tirar aquela duvidzinha que incomodava, a duvidzinha que segurava os revólveres em seus coldres. Eu ia falar quando ouvi alguém berrando desesperado

no corredor. Os homens se viraram, assustados com o som daquela voz, a voz aguda de Toinho Tibéra:

“Alguém matou as fia do patrão, meu Jesus do Céu! Oh, Maria Santificada! Oh, desgraça!”

Não esperei o primeiro se virar. Quando um rosto furioso me encarou, eu apontei o revólver e estourei ele. Com a outra mão, apanhei sua arma antes que caísse no chão. E então fiz a carnificina que tava acostumado. O cheiro de sangue e pólvora se espalhou como uma nuvem no ar do gabinete. Os sete homens caíram uns nos outros. Senti algumas balas rasparem minha pele, mas nenhuma me pegou de um jeito fatal. Não. Não era assim que eu ia morrer, não é?

Saí do gabinete chutando as lamparinas e tropeçando em braços. Toinho Tibéra apareceu na ponta do corredor, desarmado, mas o susto foi o bastante pra me fazer dar dois pipocos na barriga dele. No escuro, só vi a réstia das tripa escapando pelo buraco que se abriu nas costas dele. Desci as escadas antes mesmo que ele entendesse o que aconteceu.

Voltei pra tempestade, que se acalmava. O ar parou de rodopiar e a chuva agora era fina

e constante. A tempestade era dentro de mim então, um reboiço de sentimentos que eu não conseguia entender. Pela primeira vez, o peso de algumas mortes era grande demais pra carregar... e pensar nas gêmeas de Ariovaldo furadas de balas era demais pra mim. Caí no chão, de joelhos, e vomitei aguardente. A língua parecia que ia se fazer em pedaços. Rosnei feito um bicho, humilhado, cansado e incapaz.

Ouvi os passos e senti quando a coisa parou diante de mim. Sem levantar o rosto, eu recarreguei o revólver e beijei ele. Depois apoiei um pé e me levantei, ao mesmo tempo em que enfiava a arma na barriga do morto-vivo. Disparei as cinco balas olhando nos olhos dele. Eram duas bolas onde girava outra tempestade. Cheios e ao mesmo tempo vazios. Eu olhava lá dentro e me via.

Seus dedos gelados envolveram minha mão quando o clique que seguiu a última bala estalou, e ele apertou com força o bastante pra que eu, homem feito, largasse o ferro e me curvasse. As lágrimas queriam brotar nos cantos dos olhos. Aquela coisa não era mais um homem e ia arrancar minha mão se eu não fizesse nada.

Só que não deu pra fazer nada. Ele apertou com tanta força que o som dos ossos quebrando chegou sem surpresa nos meus ouvidos. Eu já tava de joelho de novo, segurando o ar sem conseguir gritar, igual um moleque que toma uma surra da mãe e perde o fôlego. Ele soltou meu braço, e senti tudo rodopiar. Agarrei o lugar que ele apertou e fiquei deitado no chão, a chuva molhando minha cara, minha roupa, deixando tudo mais pesado.

Quando achei que tinha acabado, senti minha perna se erguendo. Era ele, me puxando pelo tornozelo. Minhas costas deslizaram fácil na lama. A nuca raspava nos pedregulhos. O revólver ficou pra trás. Ele me levava com uma facilidade absurda. Era a primeira vez que eu olhava pro céu daquele jeito, de baixo pra cima, e sentia como se ele me olhasse de volta. Mas não pude encarar por muito tempo, porque as gotas queimavam minhas vistas.

As costas ardiam quando percebi as pedras altas e os crucifixos passando do meu lado. Então entendi pra onde ele tava me levando. Tentei me virar, enfiei os dedos na terra úmida, mas tudo o que fiz foi deixar um

rastro de puro desespero detrás de mim. O coiso me deu um puxão que quase me tirou do chão, e bati o rosto contra a lama. Ele me soltou, como se se ocupasse com outra coisa. Foi a única chance que tive de olhar em volta e ver que tava do lado daquela mesma cova que tinha visitado há poucos minutos, quando ainda não tinha fé naquela história absurda. Então tudo tinha mudado. A partir dali, as coisas não seriam as mesmas. Eu tinha perdido o patrão, o meio de vida e a dignidade. Só restava a morte, e eu pedia, em silêncio, que ela fosse rápida. Eu sei que tava pedindo demais. Entendi que ele não ia me dar ela quando, outra vez, puxou minha perna.

Tentei resistir, me agarrei numa pedra redonda e me segurei, mas Antônio Carlos só fazia puxar ainda mais forte. Numa puxada derradeira o chão sumiu debaixo de mim. Despenquei num buraco úmido, de onde eu podia ver algumas raízes e pequenos ossos de animais que descobriram aquele segredo antes de mim. Fui jogado na minha cova, cavada pra mim do lado daquele que agora era meu algoz. Ele me olhou de lá de cima com aqueles dois olhos brancos, e minha mente se

turvou do pavor da morte. Mas antes mesmo que eu pudesse me mexer, as pazadas de terra começaram a cobrir meu corpo. Meu peito disparou. Minhas pernas se aqueceram. E, ao mesmo tempo, eu sentia a vida indo e vindo; queria lutar por ela, e queria que ela fosse logo, que me poupasse da tortura. Cada vez que a terra tocava meu corpo, fazendo um ruído úmido na minha roupa, eu ouvia um sino tocando na minha cabeça, numa contagem regressiva.

Ele cobriu o túmulo de terra até que só minha cabeça ficasse pra fora. Então parou e ficou me encarando, enquanto o dia virava noite e a chuva parava, ficando só aquele vento que assoviava. Sentia meu corpo tremer debaixo do peso do cemitério.

Então ele falou, com uma voz que parecia sair daquela mesma terra e que vibrava por cada osso meu. Ele disse: “Logo vai acabar”, mas eu sabia que era mais pra ele mesmo do que pra mim.

Mais cinco pás de terra e minha cabeça tava coberta.



Quando eu voltei, coisa que tu já deve imaginar que fosse acontecer, cada pedaço do meu corpo parecia espetado por espinhos secos de cardeiro, e, à minha volta, a terra fria do cemitério me amarrava com a força de mil cordas.

A certeza de que a vida não se foi, não do jeito que eu esperava, veio quando minha testa sentiu o toque do vento, e eu abri um olho só pra ver o céu escuro com uma lua prateada e entender que parte da minha cabeça tinha ficado pra fora da terra. Então todo aquele vazio tinha sido a morte ou eu só apaguei? Não fiquei procurando entender. Mexi o pescoço, que rangeu que nem cadeira de balanço véia, e cuspi terra. Não foi fácil que eu acordei minhas pernas e forcei a terra pra baixo, sentindo, ao mesmo tempo, ela querer me engolir, com fome do meu cadáver. Os braços ressuscitaram em seguida, e eu mexi eles como se nadasse pra fora dum rio, só que um rio sólido, denso. O barro pesado me segurava, se recusando a me entregar, reclamando sua parte, que eu não sabia que ele já tinha tirado.

Me ergui pra fora da cova com um arroubo de respiração, urrando feito um bicho. Os dedos machucados arderam quando tocaram a terra em volta, e mais terra e pedra entraram na minha

roupa, escorregando pelo rego calça adentro. Saí daquele buraco e deitei no chão úmido, encarando de novo o céu, sem vida e sem brilho. Fiquei ali até ter força pra me levantar. Não sei quanto tempo levou.

Só sei que meus primeiros passos foram lentos, meu corpo parecia pesar o dobro, e minha barriga roncava duma fome infinita. Eu olhava em volta, pro cemitério e pra cidadezinha, e tudo era como se novo, como se eu nunca tivesse pisado naquele lugar. Era um novo eu saindo da terra dos mortos e voltando à terra dos vivos.

Entreí na primeira biboca que vi, onde a luz dum candeeiro brilhava sobre a porta. Era um boteco de merda e, na minha entrada, vi a face do assombro em cada rosto de homem e de quenga que tava ali. Dei três passos lá dentro, e todo mundo disparou pra fora. Eu senti quase que numa repetição, aquilo já tinha acontecido, e eu só não lembrava quando.

Acho que foi quando eu era vivo.

Não sei. Só sei que nem o dono do buteco ficou, então eu dei a volta, catei a garrafa de pinga, um copo, e me sentei pra beber. Meia-hora depois ouvi uma correria desembestada, junto com o *clack clack* de arma que eu conheço

bem, e o silêncio esticado de quem espera numa arapuca. Eles me queriam agora, só Deus sabe o porquê. Morto, de novo, como queriam Antônio Carlos. Só que eu sabia que não conseguiriam, não mais, porque o mistério que aquele homem descobriu no além-túmulo, ele tinha ensinado pra mim, não sei como. Só sei que tinha aprendido.

Tinha aprendido que os mortos nem sempre descansam e que a vida nem sempre era frágil como eu pensava. Bastava uma pendência. Passei a mão no ombro ferido, a cicatriz fechada, seca; depois pelo quadril, procurando o ferro, mas eu sabia que ele já não tava lá fazia tempo.

Não importava. Minha língua sempre foi o chumbo, e eu ia arrumar um jeito de falar.

Everaldo Rodrigues



Nascido em Diadema, São Paulo, Everaldo Rodrigues é escritor e faz bacharelado em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Começou a divulgar seus primeiros textos em

plataformas de autores na internet, seguindo uma interessante linha de regionalismo e terror. Entre 2015 e 2018, publicou quatro livros de forma independente e recebeu, em outubro de 2018, o 1º Prêmio ABERST de Literatura (Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror) pela novela “O Capeta-Caolho contra a Besta-Fera” (2018), na categoria “Melhor conto ou novela de Horror”.

Julia Helena de Oliveira



Estudante do curso de Estudos Literários na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Julia Helena de Oliveira começou a demonstrar cedo sua paixão pela literatura. Aos 11 anos, começou a escrever

seus primeiros textos de fantasia e, aos 14, já havia decidido cursar Estudos Literários, entrando na faculdade aos 19 anos. O conto “Sertão grande menina” é sua primeira publicação e foi elaborado como projeto no segundo semestre de 2019, com apoio e incentivo do grupo Autores Anônimos, coletivo de escritores da Unicamp do qual Julia faz parte.

Título: Noites no sertão

Organização: Jennifer Siqueira de Araújo; Maryna Galliani Falcão; Thaís Freitas Rodrigues.

Preparação e Revisão: Jennifer Siqueira de Araújo; Maryna Galliani Falcão; Thaís Freitas Rodrigues.

Diagramação: Jennifer Siqueira de Araújo

Capa: Jennifer Siqueira de Araújo; Maryna Galliani Falcão; Thaís Freitas Rodrigues.

Formato: 14x21cm

Número de páginas: 122

O livro *Noites no Sertão* é uma coletânea dos contos "Chumbo", de Everaldo Rodrigues, e "Sertão grande menina", de Julia Helena de Oliveira. Apesar de serem muito diferentes, tratam de uma temática em comum: o sertão. Nessa obra, os autores deixam os estereótipos de lado e apresentam aos leitores duas histórias instigantes, nas quais o sertão é um grande palco de aventuras.